



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Alessandro Vaccaro

Mestrado em Linguística

**ITALIANO (L1) E PORTUGUÊS (L2):
SINAIS DE ATRITO LINGUÍSTICO**

2012

Orientadora:

Professora Doutora Maria da Graça Lisboa Castro Pinto

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/Projeto/IPP:

Versão definitiva

Agradecimentos

Obrigado à Rita, parte fundamental da minha vida, por me ter convencido a não desistir deste caminho.

Obrigado à minha família em Itália, porque tudo o que consegui foi graças a eles.

Obrigado à minha família em Portugal por me ter acolhido como um filho e um irmão.

Obrigado à Professora Maria da Graça, referimento constante neste meu percurso, pela sua ajuda preciosa, grande disponibilidade e amizade.

Obrigado ao sujeito deste estudo sem o qual a realização do presente trabalho não seria possível.

Obrigado aos amigos de sempre por me apoiarem não obstante a distância.

Obrigado aos novos amigos por me demonstrarem que há pessoas fantásticas pelo mundo.

Testemunho do sujeito deste estudo na qualidade de falante bilingue

Ser italiano e falar português

É possível esquecer-se do próprio idioma? Aquilo que falamos desde criança?

Talvez pouco, mas sim...é possível.

O nosso cérebro, e a forma com que comunicamos, funciona de forma mesmo estranha...creio que se deixe condicionar muito pelas emoções, pelos sentimentos...

No meu caso é como se a forte ligação que sinto por este País e por este Povo, condicione também a minha forma de exprimir-me.

Claro, estamos a falar de 2 idiomas de origem latina que têm muitas similitudes, raízes parecidas.

Mas resumir o fenómeno a simples “confusão”, mistura de palavras, seria muito redutivo.

De facto, o que acontece é que no meio de uma frase em italiano não consiga controlar e limitar a minha expressão a um só idioma...

É como se o facto de dominar dois línguas enriqueça a minha capacidade de expressão, alargando de alguma forma a possibilidade de exprimir conceitos e metendo ao serviço da minha comunicação um maior leque de expressões e vocábulos.

Porque é mesmo isto o que se passa. Existem conceitos que são exprimíveis de forma muito mais eficaz com expressões portuguesas do que italianas, e o contrário.

É difícil dar exemplos compreensíveis para quem não domine os dois idiomas, mas vou tentar:

A expressão portuguesa “fica sem efeito” não tem, a meu parecer, um equivalente tão sintético italiano.

Assim como a expressão “vamos falando”, quando nós despedimos de um amigo...

Existem outras palavras que em português têm um significado muito “alargado”, enquanto em italiano o uso do termo equivalente se limita a um uso mais limitado. É o caso do advérbio “Já” que na língua portuguesa tem uma pluralidade de significados. Para ser mais claro, e para que também quem não fala italiano possa perceber, o “já” português traduz os advérbios ingleses “already, yet, ever “ (www.wordreference.com/pten/já). É muito fácil, portanto, que falando italiano a tendência seja a de alargar também o equivalente termo italiano “già” à variedade de significados português, quando na verdade existem outros advérbios para exprimir os demais significados. O “già” italiano se deveria limitar quase unicamente ao “already” inglês.

Há também uma outra questão que pode condicionar a nossa comunicação...

Quando aprendemos um novo idioma acontece que no princípio nos esforçamos muito para descrever conceitos, às vezes simples, mas dos quais não conhecemos o nome.

O que acontece? Usamos uma serie de palavras, uma paráfrase para descrever o conceito que temos em mente. Logo, quando depois aprendemos o termo que resume esse conceito, esta nova palavra se transforma numa verdadeira “conquista”.

Este novo termo passa a ser nosso. Quase como se fosse mais um elemento que nos aproxima às pessoas locais. É só uma palavra, claro, só uma expressão. Mas agora é do nosso domínio.

A partir deste momento tentaremos usá-la sempre que possível porque agora é uma palavra “importante”, que para além do seu significado, significa algo para nós...mais um passo a frente numa nossa evolução pessoal, melhoria linguística.

Assim pode acontecer que falando italiano com parentes ou amigos, os novos termos portugueses que aprendemos e que são tão presentes na nossa mente, “insistam em sair”.

De modo que, sem sequer que nos apercebamos, pronunciamos estes termos no meio da nossas comunicação.

As pessoas olham de modo estranho para nós...e assim nós apercebemo-nos que mais uma vez acabamos de misturar uma expressão portuguesa numa frase italiana.

Em tudo isto, joga também a preguiça do nosso cérebro que muitas vezes vai automaticamente buscar palavras que reconhece como mais simples a pronunciar mesmo que estejamos a falar um outro idioma. No meu caso, por exemplo, palavras como “bomba de gasolina” (distributore di benzina, em italiano) ou “candeeiro” (lampadario) é como se tivessem uma faixa de prioridade no meu cérebro...independentemente do idioma que esteja a falar. Mas acho que esta questão é muito pessoal, muito mais subjetiva.

Em fim, numa conversa entre “italo-portugueses” como nós (italianos que vivem em Portugal), por sua vez este tipo de comunicação que mistura as duas línguas flui incrivelmente bem, como se realmente a copresença de dois idiomas na comunicação enriquecesse de facto a nossa maneira de falar e a capacidade de exprimir conceitos e ideias.

Testemunho enviado por *e-mail* ao autor do presente estudo em 25/4/2012.

ÍNDICE

LISTA DAS TABELAS	ix
LISTA DAS FIGURAS	ix
RESUMO	xi
ABSTRACT	xii
RIASSUNTO	xiii
INTRODUÇÃO	1
Objetivo	2
Hipótese de trabalho	3
I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
1. O ATRITO LINGUÍSTICO	5
1.1 Atrito linguístico ou erosão linguística?	5
1.2 Abordagem histórica	6
1.3 Bilinguismo	7
1.4 Definição e aspetos do atrito linguístico	10
1.4.1 O emigrante e o ambiente de emigração	12
1.4.2 <i>Input</i> e <i>Intake</i>	12
1.4.3 <i>High input generator (HIG)</i> e <i>Low Input Generator (LIG)</i>	14
1.4.4 <i>Competence</i> e <i>Performance</i>	14
2. AS CAUSAS DO ATRITO LINGUÍSTICO	16
2.1 Causas linguísticas internas	16
2.2 Causas linguísticas externas	17
2.2.1 <i>Cross-Linguistic Influence Hypothesis</i>	17
2.2.2 O fenómeno do <i>code-switching</i>	20
2.3 Causas extralinguísticas	21
2.3.1 Idade	22
2.3.2 Contacto	23
2.3.3 Literacia	25
2.3.4 Duração da imigração e distância	26
2.3.5 Atitude	26

3. NÍVEIS LINGÜÍSTICOS	27
3.1 O domínio lexical	28
3.1.1 O léxico mental	29
3.1.2 Memória Processual e Declarativa.....	31
3.2 <i>Cross-Linguistic Influence Hypothesis</i> e o léxico mental.....	32
II – PARTE PRÁTICA: ESTUDO DE CASO	35
1. METODOLOGIA	35
1.1 Amostra/Sujeito.....	36
1.2 Material e procedimento	36
2. RESULTADOS E DISCUSSÃO	37
2.1 Empréstimo	38
2.2 Reestruturação.....	41
2.3 Convergência.....	45
2.4 Troca.....	47
2.5 <i>Code-switching</i>	49
3. BALANÇO GERAL DOS RESULTADOS	54
III - DISCUSSÃO GERAL	57
1. PRENÚNCIOS DE ATRITO	57
2. CAUSAS INTERNAS OU EXTERNAS?	58
2.1 Influência das causas extralingüísticas	62
2.2 Efeitos na competência e no desempenho	64
2.3 Observações relativas ao <i>code-switching</i>	66
3. O ATRITO NO DOMÍNIO LEXICAL	66
CONCLUSÃO	69
Considerações finais.....	69
Limitações do estudo e sugestões de investigação futura.....	70
BIBLIOGRAFIA	71
DICIONÁRIOS CONSULTADOS	83

LISTA DAS TABELAS

Tabela 1 – Resumo dos exemplos verificados durante as gravações	38
Tabela 2 – Exemplos de Empréstimo	39
Tabela 3 – Exemplos de Reestruturação	42
Tabela 4 – Exemplos de Convergência.....	46
Tabela 5 – Exemplos de Troca	48
Tabela 6 – Exemplos de <i>Code-switching</i>	50

LISTA DAS FIGURAS

Figura 1 – Balanço quantitativo.....	54
Figura 2 – Balanço qualitativo.....	55

RESUMO

O atrito linguístico é um fenómeno intrageracional de perda não patológica de uma língua em indivíduos bilingues (Köpke 2004: 3) e pode ser incluído nos estudos de contacto linguístico. Trata-se de um fenómeno estudado segundo várias perspetivas (psicolinguística, sociolinguística e neurolinguística) e é geralmente definido de acordo com a língua que se perde e o ambiente em que tal perda se verifica (ver Van Els 1986).

O objetivo do presente trabalho consiste em investigar a ocorrência do atrito linguístico entre duas línguas de origem românica, o italiano (L1) e o português (L2). Para isso, escolheu-se como caso de estudo um emigrante adulto de primeira geração, falante italiano, residente em Portugal e fluente em português. Pretende-se estudar a perda da proficiência da L1 deste falante e comprovar a hipótese de que o atrito linguístico é proporcionado pelo contacto prolongado com a língua falada no ambiente L2.

Desta forma tentar-se-á verificar quais são as condições gerais que permitem a ocorrência do atrito linguístico da L1, estabelecer as causas que proporcionam este fenómeno e identificar os domínios linguísticos que sofrem maior impacto.

Para responder a estas questões, foram gravadas conversas espontâneas com o falante em estudo e os exemplos recolhidos foram analisados utilizando a hipótese da *Cross-Linguistic Influence* (CLI) proposta por Sharwood-Smith (1989: 185) e as respetivas categorias fornecidas por Pavlenko (2004: 47).

Neste trabalho é feita uma introdução ao tema, seguida por uma divisão em três partes. Na primeira serão apresentados os aspetos teóricos do atrito linguístico, juntamente com as possíveis causas que o propiciam e as teorias formuladas ao longo dos anos. A segunda parte centra-se no estudo de caso, com a descrição da metodologia adotada para o estudo e a apresentação dos exemplos obtidos que serão debatidos na terceira parte. Por fim serão apresentadas as respetivas conclusões, bem como as limitações do presente estudo e as sugestões de investigação futura.

Palavras-chave: atrito da L1, influência da L2, bilinguismo, *Cross-Linguistic Influence*, léxico mental.

ABSTRACT

Language attrition is an intragenerational phenomenon of non-pathological loss of a language in bilingual individuals (Köpke 2004: 3) and can be included in studies of language contact. This is a phenomenon studied by several perspectives (psycholinguistics, sociolinguistics and neurolinguistics) and is usually defined according to the language lost and the environment in which such loss occurs (see Van Els 1986).

The aim of this work is to investigate the occurrence of language attrition between two Romance languages, Italian (L1) and Portuguese (L2). Therefore, we have chosen as case-study an adult immigrant first-generation Italian speaker, living in Portugal and fluent in Portuguese. We intend to study the loss of proficiency of L1 of this speaker and confirm the hypothesis if language attrition is caused by the extended contact with the language spoken in the L2 environment.

Thus, we intend to verify which conditions allow the occurrence of L1 language attrition, establish the causes of this phenomenon and identify the linguistic domains that suffer the greatest impact.

In order to answer to these questions, spontaneous conversations with the speaker of the present study were recorded and the collected examples were analyzed using the Cross-Linguistic Influence (CLI) hypothesis proposed by Sharwood-Smith and the respective categories provided by Pavlenko (2004: 47).

The present work is composed by an introduction to the topic, followed by a division into three parts. The theoretical aspects of language attrition will be presented in the first part, along with the possible causes and the theories formulated over the years. The second part focuses on the case-study, describing the methodology adopted for the study and showing the examples obtained which will be discussed in the third part. Finally, the respective conclusions will be presented as well as the limitations of this study and suggestions for future research.

Keywords: attrition of L1, L2 influence, bilingualism, Cross-Linguistic Influence, mental lexicon.

RIASSUNTO

L'attrito linguistico è un fenomeno intragenerazionale di perdita non patologica di una lingua riscontrato in soggetti bilingue (Köpke 2004: 3) e può essere annoverato fra gli studi relativi al contatto linguistico. Si tratta di un fenomeno studiato da vari punti di vista (psicolinguistico, sociolinguistico e neurolinguistico) e viene solitamente definito in base alla lingua che si perde e all'ambiente in cui tale perdita si verifica (vedi Van Els 1986).

L'obiettivo del presente lavoro consiste nel verificare la presenza dell'attrito linguistico tra due lingue romanze, l'italiano (L1) e il portoghese (L2).

Per questo motivo è stato scelto come caso di studio un emigrante adulto di prima generazione, di madrelingua italiana, che risiede in Portogallo e parla correntemente portoghese. Si desidera dunque studiare la perdita della competenza relativa alla L1 del soggetto protagonista di questo studio e cercare di dimostrare l'ipotesi secondo la quale l'attrito linguistico sia determinato dal contatto prolungato con la lingua parlata nell'ambiente L2.

In questo modo si intende constatare quali sono le condizioni che permettono il verificarsi dell'attrito linguistico della L1, stabilire le cause di questo fenomeno e identificare i domini linguistici che soffrono un impatto maggiore.

Per rispondere a tali quesiti, sono state registrate alcune conversazioni spontanee con il soggetto in questione e gli esempi raccolti sono stati analizzati utilizzando l'ipotesi della *Cross-Linguistic Influence* (CLI) proposta da Sharwood-Smith (1989: 185) e le rispettive categorie fornite da Pavlenko (2004: 47).

Il presente lavoro prevede un'introduzione del tema, seguita da una divisione in tre parti. La prima presenta gli aspetti teorici riguardanti l'attrito linguistico, insieme alle possibili cause e alle teorie formulate nel corso degli anni. La seconda parte si concentra sul caso di studio, con la descrizione della metodologia adottata e la presentazione degli esempi ottenuti che saranno successivamente discussi nella terza parte. Infine saranno presentate le rispettive conclusioni come pure i limiti di questo studio e i suggerimenti per la ricerca futura.

Parole chiave: attrito della L1, influenza della L2, bilinguismo, *Cross-Linguistic Influence*, lessico mentale.

INTRODUÇÃO

O estudo do atrito linguístico atrai o interesse da comunidade científica há já três décadas (Köpke e Schmid 2004: 1). Este tipo de investigação, surgida nos anos 80 do século passado, relaciona-se com estudos inerentes ao bilinguismo e ao contacto linguístico e, como afirma Capilla (2007: 1), pode ser incluída no campo da Linguística Aplicada.

Neste trabalho vai ser aprofundado o caso do atrito linguístico da L1 que, de acordo com Schmid e Köpke (2009: 210), é um fenómeno que ocorre nos falantes bilingues, cujo sistema linguístico é afetado pela aquisição e pelo uso de uma segunda língua, a L2.

Os conceitos de L1, L2 e bilinguismo, são explicados por Paradis que entende por L1 “The native language, that is the first acquired in infancy” e por L2 “A second language appropriated [...] once a first language has been acquired” (Paradis 2004: 239). Na mesma perspetiva e de acordo com Hammarberg (2001: 22), as línguas adquiridas após a primeira são denominadas segundas línguas e os indivíduos podem adquirir uma ou mais L2. Por fim, Paradis define o bilinguismo como “The ability to use two languages” (Paradis 2004: 234) mas acrescenta também que existem muitos tipos de bilinguismo e de indivíduos bilingues. Este último conceito é retomado por Hammarberg, o qual afirma que documentar com precisão o fenómeno do bilinguismo não é tarefa fácil, pois “bilingualism is at least as frequent in the population of the world as pure monolingualism” (Hammarberg 2001: 21).

Segundo Schmid e Köpke (2009: 210), são vários os domínios linguísticos em que o fenómeno do atrito se manifesta, como o fonológico, o lexical, o morfológico, e o sintático. Desta forma, acrescentam as autoras, gera-se o empobrecimento da L1, com conseqüente insegurança, hesitação e autocorreção durante o ato de fala.

Afirma Gürel (2004: 53) que o atrito linguístico da L1 é um fenómeno multifacetado, sendo estudado sob vários pontos de vista, não só linguístico, mas também psicolinguístico, sociolinguístico e neurolinguístico.

No entender de Schmid e Köpke (2009: 210), para que este fenómeno se manifeste é fundamental que o indivíduo emigre para um ambiente linguístico diferente, isto porque o atrito linguístico da L1 acontece em ambientes onde, segundo as autoras, se verifica o contacto linguístico entre o falante de L1 e a L2 do país de acolhimento.

Para Schmid (2010: 1) este fenómeno é evidenciado pelos falantes que utilizam frequentemente mais do que uma língua, tornando-se mais evidente nos bilingues em que a L2 começa a ter um papel fundamental no seu dia-a-dia. Gürel (2002: 113) e Köpke (2004: 17) explicam que estes emigrantes, devido à mudança de país, perdem contacto com a própria L1 e sofrem a influência da L2.

Neste tipo de estudo é da máxima importância distinguir atrito e aquisição incompleta. Para Schmid, quando falamos de atrito entendemos “the (total or partial) forgetting of a language by a healthy speaker” (Schmid 2011: 3). Este fenómeno linguístico, explica a autora, não deve ser confundido com o caso de falantes que emigram para um novo ambiente linguístico quando ainda são muito novos. De acordo com Gürel (2002: 114), estes sujeitos, neste caso crianças, ainda não possuem um sistema linguístico estável. Nesta circunstância não é possível falar de perda da L1 mas de aquisição incompleta, porque, como adianta, “The term 'loss' itself implies the absence of something that previously existed” (Gürel 2002: 114).

Após esta introdução do tema, optou-se por subdividir o presente trabalho em três partes. Na primeira apresenta-se o enquadramento teórico, onde serão tratados os principais aspetos do atrito linguístico, as possíveis causas que o propiciam e as relativas teorias elaboradas pelos estudiosos. A segunda parte foca-se no caso de estudo com a descrição da metodologia adotada e dos resultados obtidos durante a realização do trabalho, que serão depois discutidos na terceira parte. As respetivas conclusões são incluídas na última parte, bem como as limitações do estudo e algumas sugestões de investigação futura.

Seguidamente apresenta-se o objetivo deste estudo assim como a hipótese de trabalho que se lança, de forma a tentar responder às questões de pesquisa que serão aqui deixadas.

Objetivo

Este trabalho tem como objetivo principal ver até que ponto o fenómeno denominado *atrito linguístico* afetou a produção da L1 – neste caso o italiano – de um falante adulto italiano com um domínio fluente do português e com residência permanente em Portugal há cinco anos.

Hipótese de trabalho

O grau e tipo de atrito linguístico da L1 são motivados pelo contacto prolongado, por parte do falante dessa L1, com a língua falada no ambiente L2, isto é, a L2 referente ao país de acolhimento exerce uma influência sobre a L1, podendo vir a afetar o sistema linguístico em casos extremos.

Pretende-se assim responder às seguintes questões:

- Quais são as condições para que o fenómeno do atrito linguístico da L1 se manifeste?
- Quais são as causas que proporcionam este fenómeno?
- Qual é o domínio linguístico mais afetado?

I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. O ATRITO LINGUÍSTICO

1.1 Atrito linguístico ou erosão linguística?

Atrito linguístico e erosão linguística referem-se ao mesmo fenómeno linguístico mas, de acordo com as línguas em que este é analisado, pode utilizar-se o termo “atrigo” ou “erosão”.

A maioria dos estudos conduzidos nesta matéria, e utilizados para a redação deste trabalho, são em inglês e nesta língua o termo *attrition* é o mais utilizado para descrever este tipo de fenómeno. No dicionário *online* Oxford, disponível em <http://oxforddictionaries.com>, o atrito é definido como “the process of reducing something’s strength or effectiveness through sustained attack or pressure”. De acordo com esta definição, o atrito linguístico seria provocado pelo ataque ou pela pressão que uma língua exerceria sobre a outra.

Embora menos utilizado em língua inglesa (Ferrari 2010: 18), é possível encontrar o termo *erosion* (ver Köpke e Schmid e 2004: 224), que o dicionário *online* Oxford define como “the gradual destruction or diminution of something”. De acordo com este significado, a erosão linguística seria provocada por um desgaste natural, que pode ser originado, por exemplo, pela falta de uso da L1.

Estas duas definições podem ser respetivamente relacionadas com os fatores principais que, de acordo com Köpke (2004: 17), desencadeiam o fenómeno do atrito linguístico: a influência da L2 e a falta de uso da L1.

No caso das línguas românicas é possível encontrar ambos os termos, com uma prevalência do termo “erosão” nos trabalhos em português (ver Ferrari 2010, Flores 2008 e Capilla 2007), em francês (*erosion*) (ver Köpke 2000) e em espanhol (*erosión*) (ver Bizzoni 2003). Em relação ao italiano o termo mais utilizado é *atrigo* e, para além da alternativa *erosione*, é possível encontrar trabalhos que se referem a este fenómeno com o nome de *attrizione* (ver abstract Köpke 2000: 59), embora muito raramente.

Neste trabalho foi utilizado o termo “atrigo” por duas razões. Em primeiro lugar, trata-se do termo mais difundido nos documentos escritos em inglês, os quais foram largamente utilizados para a escrita deste trabalho. Em segundo lugar, este termo foi escolhido porque, como será demonstrado nos exemplos recolhidos no estudo de caso, a

causa principal do atrito da L1 pode ser atribuída ao efeito da L2 na L1 do falante em questão.

1.2 Abordagem histórica

Os estudos sobre o atrito linguístico têm origem na conferência intitulada *Attrition of Language Skills* (Ferrari 2010: 15), realizada na Universidade norte-americana da Pennsylvania em 1982 e organizada por Richard Lambert.

De acordo com Ferrari (2010: 15), foi graças a este evento científico, ainda hoje considerado um marco para estes estudos, que o interesse por este tema aumentou.

Como relatado por Flores (2008: 7) e Köpke (2004: 3), os estudos conduzidos nesta área antes dos anos 80 do século passado, diziam respeito apenas à perda patológica da língua, devida a acidentes vasculares, como a afasia, ou a tumores cerebrais.

Flores (2008: 7) descreve que o objetivo desta conferência foi dissertar sobre as possíveis causas do atrito linguístico de tipo não patológico e ampliar o campo de pesquisa desta matéria. A mesma autora explica que, a partir desta conferência, os estudiosos interessaram-se pelo caso de falantes de duas (ou mais) línguas que, ao longo da vida e devido ao contacto com as línguas anteriormente aprendidas, manifestaram fenómenos de perda linguística (Flores 2008: 7).

Como referem Köpke e Schmid (2004: 3), após a publicação por Lambert e Freed das atas da conferência de 1982, os investigadores começaram a interessar-se por este tema e focaram-se na pesquisa metodológica, tendo como base os estudos relativos ao contacto linguístico. De acordo com a mesma fonte, seguiram-se inúmeros estudos piloto que estabeleceram uma ligação entre o atrito e o contexto linguístico onde este se verificava, constatando-se desde o início que o fenómeno do atrito linguístico não podia ser estudado de forma isolada, ou seja, sem se considerar o ambiente que o envolve (ver Köpke e Schmid 2004: 4). Foi a partir desta nova visão que os investigadores aumentaram o seu interesse pelas comunidades linguísticas de emigrantes (ver Fase, Jaspaert e Kroon 1992) e pelas minorias linguísticas (ver Köpke e Schmid 2004: 4).

Nos anos 90 do século XX, como descrevem Köpke e Schmid (2004: 5), este assunto foi largamente divulgado e a década foi testemunha de estudos mais abrangentes, de tipo sociolinguístico e psicolinguístico, que davam particular atenção

aos aspetos intra- e interlinguísticos. Contudo, conforme adiantam Köpke e Schmid (2004: 7), estes estudos caracterizaram-se por uma falta de colaboração entre os estudiosos que efetuaram pesquisas de tipo individual com o objetivo de obterem uma resposta fácil e rápida às muitas perguntas colocadas na década anterior.

Finalmente, na primeira década deste século, a investigação atingiu uma maior dimensão e a atenção voltou-se principalmente para os estudos relativos ao atrito da L1 (ver Ferrari 2010: 17).

1.3 Bilinguismo

Seliger e Vago (1991: 3) atestam que o contexto de bilinguismo é condição fundamental para que se possa manifestar o atrito linguístico da L1 em contacto com a L2.

De acordo com Grosjean, o bilinguismo é “the regular use of two (or more) languages” e os bilingues são “those people who need and use two (or more) languages in their everyday lives” (Grosjean 1992: 51).

Inicialmente, o bilinguismo era considerado um fenómeno isolado dentro de uma comunidade. Para Hammarberg (2001: 21), hoje em dia, a maioria da população mundial fala mais de uma língua, ou seja, é bilingue e, graças ao fenómeno da globalização, o bilinguismo apresenta um aumento constante. Segundo o mesmo autor, é difícil documentar o termo bilinguismo com precisão e é frequente a sua utilização juntamente com o termo multilinguismo. Avança Hammarberg, que ambos os termos dizem respeito à presença de uma segunda língua, a qual pode ser definida como “any language that the learner has added after infancy” (Hammarberg 2001: 21), ou seja, todas as L2 adquiridas após a aquisição da L1. O autor afirma também que, numa base cronológica, a L2 não é necessariamente a segunda língua adquirida, mas pode ser a terceira ou a quarta. O termo multilinguismo, afirma Hammarberg (2001: 22), parece mais indicado quando estão em jogo mais línguas. Este termo integra também o conceito de bilinguismo, que o prefixo bi- faria restringir a duas línguas (ver Pinto no prelo).

O multilinguismo é para a Comissão Europeia “the ability of societies, institutions, groups, and individuals to engage, on a regular basis, with more than one language in their day-to-day lives” (European Commission 2009: 3). Esta definição consegue abranger também a distinção fornecida pelo Conselho da Europa entre

multilinguismo e plurilinguismo. Definem-se assim multilinguismo como “the presence of several languages in a given space, independently of those who use them” (Council of Europe 2007: 17, referido por European Commission 2009: 3) e plurilinguismo como “the ability to use languages for the purposes of communication and to take part in the intercultural action, where a person, viewed as a social agent, has proficiency, of varying degrees, in several languages and experience of several cultures” (Council of Europe 2007: 17, referido por European Commission 2009: 3).

De acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (QEQR) (Conselho de Europa 2001), o conceito de plurilinguismo assumiu uma dimensão maior nos últimos anos. Segundo a mesma fonte, a abordagem de tipo plurilingue refere-se à capacidade de um indivíduo construir “uma competência comunicativa, para a qual contribui todo o conhecimento e toda a experiência das línguas e na qual as línguas se inter-relacionam e interagem” (Conselho de Europa 2001: 23). Não se trata portanto, de uma “sobreposição ou da justaposição de competências distintas, mas sim de uma competência complexa ou até compósita à qual o utilizador pode recorrer” (Conselho de Europa 2001: 231).

Este conceito de plurilinguismo aproxima-se da visão “holística” do bilingue fornecida por Grosjean (1992: 54). Este autor apresenta-nos duas visões distintas relativas ao bilinguismo: uma monolingue (ou fracional) e outra bilingue (ou holística). Grosjean (1992: 52) explica que, de acordo com a visão monolingue, o indivíduo bilingue era visto como a união de dois monolinges e as suas competências linguísticas eram separadas e isoladas. O mesmo autor faz questão de destacar que este pensamento tem condicionado a maneira de ver o bilingue e considera esta visão como sendo *destructive* para o bilingue. De acordo com a visão “holística” (ou bilingue) referida por Grosjean (1992: 55), o bilingue não deve ser visto como a soma de dois distintos monolinges, mas como um ouvinte-falante específico, uma vez que se trata de um indivíduo que possui habilidades linguísticas próprias e é capaz de utilizar as duas línguas para alcançar diferentes objetivos (Grosjean 1992: 54-55). Esta abordagem vai ao encontro do conceito de *multi-competence* de Cook, ou seja, “the knowledge of one or more languages in the same mind” (Cook 2006: 4), atestando que o falante bilingue possui uma competência linguística diferente da do monolingue.

Como referido por Paradis (2004: 2) nos estudos sobre o bilinguismo, os bilingues nunca formam um grupo homogéneo. O mesmo autor lembra que, devido a

uma falta de consenso, os estudiosos dividem-se entre uma visão do bilingue de tipo minimalista e maximalista (ver Paradis 2004: 2). De acordo com Paradis (2004: 2), o primeiro tipo inclui indivíduos que apenas deveriam possuir a capacidade de ler numa língua diferente da própria L1 (Macnamara 1969, referido por Paradis 2004: 2), enquanto ao segundo pertenceriam indivíduos que deveriam possuir as mesmas capacidades dos nativos (Thiery 1976, referido por Paradis 2004: 2). Paradis afirma ainda que entre estes dois extremos existe um conjunto de possíveis definições (Paradis 2004: 2). Por isso, no entender de Grosjean (1992: 58) e de Paradis (2004: 2), o bilinguismo deve ser considerado um processo contínuo (*continuum*), evitando quer uma visão de tipo monolingue, quer os posicionamentos extremos que distinguem entre **bilinguismo equilibrado**, por um lado e segundo o qual ambas as línguas são faladas com igual proficiência e, por outro lado, **semilinguismo**, quando nenhuma das duas línguas é a nativa, ou **bilinguismo dominante**, quando se regista uma melhor proficiência numa língua do que na outra (Paradis 2004: 3).

Quer isto dizer que, conforme relata Grosjean, “In their everyday lives, bilinguals find themselves at various points along a situational continuum which induce different language modes” (Grosjean 1996: 3) e isso depende de vários fatores como por exemplo o interlocutor, a situação ou a função que a interação tem.

Por fim, segundo Seliger e Vago (1991: 3), num bilingue podem ser identificados três estágios diferentes:

1. o falante começa o processo de aquisição da L2, em que utiliza os conhecimentos da própria L1 para se exprimir na L2. Nesta primeira fase, surge uma primeira estratégia de tradução denominada, de acordo com Arabski (2007: 11), por “transferência”;
2. seguidamente ocorre uma separação gradual das duas gramáticas, com a criação de regras da L2 na mente do falante. Para Corder (1978: 86) neste momento atuam dois processos: “reestruturação” e “recreação”. O primeiro diz respeito à progressiva adaptação do sistema linguístico da L1 ao da L2 (*transfer*) e o segundo diz respeito à criação de regras únicas, diferentes daquelas da L1;
3. as duas gramáticas apresentam-se intercaladas e o bilingue torna-se fluente (ou quase) na L2. Corder (1978: 86) acrescenta que neste terceiro nível, a

transferência, protagonista do primeiro nível, combina-se com as regras do segundo nível.

(Ver Seliger e Vago 1991: 4-5.)

Desta forma é possível perceber como as línguas faladas por um bilingue coexistem na sua mente num estado de competição e afirmam Seliger e Vago (1991: 4-5) que, quando se verifica esta condição, estamos perante uma fase avançada de bilinguismo ou aquisição da L2, situação que pode propiciar o atrito da L1.

1.4 Definição e aspetos do atrito linguístico

O atrito da L1 pode surgir em qualquer sujeito falante de uma L2. Trata-se, no entender de Schmid e Köpke (2009: 210), de uma mudança ocorrida no sistema linguístico da L1 de um bilingue que está a aprender ou está a usar uma L2.

Köpke define o atrito linguístico como “the non-pathological loss of a language in, usually, bilingual subjects” (Köpke 2004: 3). Para a autora, este fenómeno é caracterizado pela perda da língua por parte de um indivíduo, ou seja, trata-se de um bilingue que modifica o seu sistema linguístico de acordo com as suas necessidades.

Para Schmid e Köpke (2009), é um fenómeno que ocorre apenas em determinadas circunstâncias:

- “emigration to a different linguistic environment”;
- “an adaptation to this environment in most areas of daily life”;
- “persistence of these circumstances over a prolonged time span”.

(Schmid e Köpke 2009: 210.)

O ambiente de emigração desempenha um papel fundamental para que este fenómeno possa ocorrer e, para Köpke (2002: 1340), é possível distinguir vários tipos de atrito linguístico de acordo com o ambiente de emigração.

Como indicado no Capítulo 1.2, a maioria das investigações conduzidas nos anos 80 do século XX focaram-se na relação entre a língua que sofre o atrito e o ambiente no qual este fenómeno acontece. Para uma melhor compreensão desta relação é necessário recorrer ao enquadramento taxonómico fornecido por Van Els (1986), que estabeleceu quatro tipos de atrito, dos quais dois dizem respeito a L1 e dois a L2:

- “**Loss of L1 in a L1-environment** (e. g. dialect loss within the dialect community)”;
- “**Loss of L1 in a L2-environment** (e. g. loss of native language by migrant workers)”;
- “**Loss of L2 in a L1-environment** (e. g. foreign language loss)”;
- “**Loss of L2 in a L2-environment** (e. g. second language loss by aging migrants)”.

(Van Els 1986: 4.)

Para este autor, a primeira categoria é talvez aquela com mais investigações de tipo sociolinguístico, incluindo estudos que dizem respeito a perda/extinção de dialetos ou minorias linguísticas, substituídas por línguas dominantes e com maior força política e social. Este tipo de fenómeno é denominado por “morte linguística” e é um processo de tipo intergeracional, isto é, que se verifica ao longo de várias gerações (Van Els 1986: 5 e Köpke 2004: 3).

A segunda categoria considera o impacto da L2 como a causa principal do atrito da L1 (Van Els 1986: 5). Esta categoria é estudada em pormenor no presente trabalho e será aprofundada nos capítulos a seguir.

A terceira categoria é resumida por Ehrensberger-Dow e Ricketts (2010: 41) como “use it or lose it” e diz respeito a um fenómeno que a maioria das pessoas que aprendeu uma língua estrangeira já experienciou. Para Gürel (2002: 111), esta categoria está mais relacionada com o ensino de línguas e com uma série de fatores a isso ligados, como a idade de aprendizagem da L2, o contexto, a quantidade do *input* e a proficiência, entre outros.

Na última categoria estamos perante o atrito sofrido por emigrantes idosos e também denominado “reversão linguística” (de Bot e Clyne 1989, referido por Gürel 2002: 111). Com o passar do tempo estes indivíduos voltam à própria L1 não obstante a permanência no ambiente da L2.

Não fazem parte da taxonomia de Van Els (1986), afirma Gürel (2002: 112), os casos patológicos de perda linguística como, por exemplo, a demência ou a afasia. Acrescenta Gürel (2002: 112) que a natureza deste tipo de perda linguística é devida a danificações neurológicas, consequência imediata de um acidente sofrido pelo indivíduo e distingue-se da perda não patológica que, pelo contrário, ocorre ao longo do tempo e deve-se ao contacto linguístico (ver Köpke 2004: 4).

1.4.1 O emigrante e o ambiente de emigração

Uma característica fundamental do atrito da L1 é destacada por de Bot (2001, referido por Köpke 2002: 1334), o qual afirma que este fenómeno se manifesta apenas em emigrantes de primeira geração, ou seja, é um fenómeno intrageracional, diferenciando-se de fenómenos intergeracionais como a mudança, a substituição ou a morte linguística, os quais precisam de mais do que uma geração para se manifestarem e são típicos das comunidades linguísticas (ver Köpke 2004: 3).

Como relatado por Köpke (2002: 1340), o atrito linguístico varia de acordo com o ambiente de emigração e, segundo a autora, depende de dois fatores: qualidade e quantidade do *input*. Este conceito está ligado à distinção que Köpke (2002: 1341) faz entre o fenómeno de atrito linguístico que ocorre nos indivíduos que vivem nas comunidades e o que ocorre nos emigrantes que a mesma autora define como “isolados”. Para esta autora, uma comunidade de emigrantes caracteriza-se pelo facto de os seus membros manterem um contacto constante com pessoas que emigraram do mesmo país. Já um emigrante isolado vai manter contactos menos frequentes com os compatriotas do seu país de origem. Consequentemente, a quantidade de *input* que os emigrantes isolados recebem é inferior à quantidade que recebe um emigrante em comunidade (Köpke 2002: 1342). Acrescenta esta estudiosa que tal não representa necessariamente uma desvantagem para o emigrante isolado, visto que, embora o emigrante que reside na comunidade esteja em contacto com outros emigrantes, estes não serão apenas de primeira geração, mas também de gerações anteriores. Ora estas gerações, devido ao atrito que já podem ter sofrido da sua L1, possuem uma variedade linguística própria que difere da língua materna. Neste caso, Köpke (2002: 1342) fala de qualidade do *input* que, para ela, se revela mais importante do que a quantidade.

1.4.2 Input e Intake

Neste momento, torna-se importante distinguir *input* de *intake*. A este respeito Krashen afirma que uma língua é adquirida através da obtenção de *input* compreensível e ainda que “we acquire a new rule by understanding messages that contain this new rule. This is done with the aid of extralinguistic context, knowledge of the world and our previous linguistic competence” (Krashen 1989: 9). Seguindo a mesma fonte, o *input* representa as informações às quais o indivíduo está exposto, ou seja, os dados que estando à disposição do indivíduo são potencialmente processáveis.

Conforme adiantam Krashen (1981: 102-103) e Ellis (1994: 708), o *intake* corresponde ao *input* que é compreendido, ou seja, a parte do *input* efetivamente processada pelo indivíduo. Nesta linha, afirma Schmidt (1990: 139) que o *intake* é o que o aprendiz nota conscientemente. Por sua vez, Seliger (1977: 275) acrescenta que o indivíduo “must do something active that involves him cognitively in the process”, na medida em que este autor considera que a mera exposição à língua não é suficiente. De facto, também Foth e Dewaele (2002: 176) relatam que para que o *input* se torne *intake* é necessário que algumas características do *input* sejam notadas. Afirma ainda Ellis (1994: 361) que “[n]oticing is of considerable theoretical importance because it accounts for which input are attended to and so become intake”.

Estes conceitos, relativos à aprendizagem da língua, relacionam-se com o atrito da L1 através do que Sharwood-Smith e Van Buren (1991: 23) chamam *evidence*. Para os autores, o falante da L1 precisa de evidências quer para desenvolver a própria L1, quer para fazer a sua manutenção. Em outras palavras, a evidência mostra ao falante “what is possible in L1” (Sharwood-Smith e Van Buren 1991: 24). Esta desempenha, para estes estudiosos, um papel de testemunho e permite que o falante receba as informações (*input*) e as compare com o que já conhece (*intake*). Através da evidência (*noticing*) o falante conseguirá reconhecer a expressão correta na L1, evitando a produção de desvios da norma padrão e favorecendo assim a manutenção da própria L1. Caso ele não consiga aceder a tal informação utilizará a norma da L2 para colmatar tal ausência de informação (ver Sharwood-Smith e Van Buren 1991).

Explica Seliger que a gramática da L2 se torna uma fonte interna de evidência positiva indireta quando surge um problema em recuperar ou aceder à informação (estruturas ou regras) que se encontra armazenada na gramática da L1 (ver Seliger 1991: 231). O mesmo autor afirma também que “indirect positive evidence can become direct positive evidence when the process is externalized and enough speakers of an attrited form of L1 reinforce the new grammar of L1 which results from the attrition problems” (Seliger 1991: 239), tornando possível a criação de um dialeto na comunidade de emigrantes.

Para que o emigrante consiga fazer uma correta manutenção da própria L1 é necessário que mantenha o contacto com esta. Torna-se portanto importante o conceito de *practice* fornecido por Seliger (1977). A prática é entendida, para este académico, como “any verbal interaction between the learner and others in his environment”

(Seliger 1977: 263). Desta forma, não será surpreendente que a níveis mais altos de interação corresponderá uma maior prática (Seliger 1977: 265).

1.4.3 High input generator (HIG) e Low Input Generator (LIG)¹

Como já foi referido, os emigrantes não se relacionam com o ambiente da mesma forma. Na perspetiva de Seliger, é possível distinguir entre os indivíduos que beneficiam da prática por iniciarem as interações, produzindo *input* para os outros, e os que apenas reagem ao *input* que lhes é direcionado, sem iniciarem as interações (Seliger 1977: 265). Assim, Seliger (1977: 265) distingue os *high input generators* (HIG) dos *low input generators* (LIG). Os primeiros são “active learners who utilize all languages environment [...] for practice by interacting and getting others use to language with them” (Seliger 1977: 274). Por outras palavras, segundo o mesmo autor, através do contacto com o ambiente linguístico, estes indivíduos desenvolvem a sua própria competência de forma mais rápida e, provavelmente, alcançam níveis qualitativos mais altos. Por outro lado, os LIG são “passive learners who do not exploit practice opportunities and retreat from interaction” (Seliger 1977: 275). McLaughlin (1992: 9), por seu lado, talvez os visse como “active listeners”. Seliger (1977: 275) considera que estes indivíduos não são os primeiros a estabelecer contacto com o ambiente linguístico em que se encontram, tornando-se dependentes dele. Para Seliger (1977: 275), os LIG evitam o contacto com o ambiente linguístico e conseqüentemente, devido a uma menor prática, recebem uma quantidade de *input* inferior. Tal pode refletir-se nos níveis de competência alcançados pois, sempre de acordo com o autor, a altos níveis de prática corresponde uma melhor *competence*, ou seja, “general ability to understand and to make oneself understood by others” (Seliger 1977: 264).

1.4.4 Competence e Performance

O conceito de *competence* é utilizado por Sharwood-Smith e Van Buren (1991: 17) em oposição ao de *performance* e ambos, avançam estes autores, podem ser afetados pelo atrito linguístico.

No caso da *competence*, está em causa o conhecimento linguístico, no caso da *performance*, está em questão o controlo deste conhecimento.

¹ Terminologia retomada de Seliger (1977)

De acordo com Sharwood-Smith e Van Buren (1991), o atrito relativo à competência reflete-se no conhecimento linguístico do falante e produz uma reestruturação do seu sistema de regras. A nível do desempenho, afirmam estes estudiosos, o atrito produz no falante dificuldades de controlo do seu conhecimento, isto é, manifesta-se através de dificuldades de acesso lexical e consequentemente de processamento (Sharwood-Smith e Van Buren 1991: 19). Adverte ainda Ellis que o desempenho está relacionado com a proficiência do falante e “refers to the learner’s ability to use this knowledge in different tasks” (Ellis 1994: 720), enquanto a competência, conforme avança o mesmo autor, diz respeito ao conhecimento internalizado da L1 por parte do falante.

Conclui Köpke que, de acordo com as diferentes situações de contacto, é possível observar tipos de atrito: “more performance-oriented or more competence-oriented” (Köpke 2002: 1341). A mesma autora lembra que “the contact with other migrants in the host country, would perhaps help to maintain access to L1, but it might well enhance restructuring of linguistic competence through repeated exposure to L1 input of other L1 attriters and to learn varieties used by second generation immigrants” (Köpke 2002: 1340-1341).

Resumindo, quando falamos de atrito linguístico da L1, na perspectiva de Köpke (2002), estamos perante um fenómeno:

- “non-pathological”
- “intragenerational”
- “individual”
- “affecting language competence and/or performance, not only language use”

(Köpke 2002: 1337).

2. AS CAUSAS DO ATRITO LINGUÍSTICO

Köpke (2004: 17) explica que existem dois fatores principais que desencadeiam o fenómeno do atrito linguístico: a falta de uso da L1 e a influência da L2. Segundo a mesma autora, o grande desafio para os investigadores é estabelecer o peso que cada uma destas causas tem no atrito da L1 do falante.

A falta de uso da L1 e a influência da L2 são vistas por Seliger e Vago (1991: 7) respetivamente como causas internas e externas. Schmid e Köpke referem por sua vez, que “It’s only when both processes conspire that language attrition occurs” (Schmid e Köpke 2009: 211), embora uma maior influência de uma das duas causas dependa de cada caso específico.

2.1 Causas linguísticas internas

Seliger e Vago (1991: 10) denominam as causas internas como “*internally induced*” e, na perspetiva de Köpke (2004: 17), a falta de uso da L1 é talvez a causa de mais difícil demonstração. O falante perde a sua competência linguística pelo simples facto de não utilizar a própria L1. Para Sharwood-Smith e Van Buren (1991: 22), o caso ideal em que esta condição se pode verificar está relacionado com a hipotética situação da *Desert Island*, em que um falante, neste caso um náufrago, é privado de qualquer tipo de *input*. De acordo com esta perspetiva, o indivíduo não teria nenhuma oportunidade de ler ou ouvir a própria L1 e tal poderia causar alterações no seu sistema linguístico por não ter a possibilidade de comunicar com outros falantes nativos da L1 (Sharwood-Smith e Van Buren 1991: 22). Retomando as palavras de Sharwood-Smith e Van Buren (1991: 22), trata-se da “*purest attrition situation*” e, desta forma, tal como acontece aos músculos se não forem estimulados, o sistema linguístico pode ficar atrofiado pela falta de uso.

As causas de tipo interno são responsáveis por desvios ou erros produzidos pelo falante bilingue e dizem respeito ao mecanismo de **simplificação** da língua. De acordo com Silva-Corvalán (1994: 3), “simplification explicitly refers to contraction, that is, the less frequent use of a competing form”. Desta forma, afirma a autora, assiste-se à criação de um sistema simplificado, constituído por um menor número de formas alternativas.

Para Köpke e Schmid (2004: 17), a simplificação segue os mesmos princípios da mudança linguística, ou seja, sofre um processo de modificação e transformação ao

longo do tempo, em que as modificações são de tipo diacrónico. Desta forma, segundo Schmid, os seus efeitos podem ser, por exemplo, a redução do léxico, nomeadamente dos elementos menos utilizados, e a redução da complexidade morfológica, que resultam numa estrutura linguística mais analítica (Schmid 2002: 13).

Os domínios linguísticos mais afetados pelas causas internas são os que se relacionam com a estrutura interna da língua, como o domínio sintático (ver Schmid e de Bot 2004: 218), o morfológico e o morfofonémico, “since that is where the process manifests itself most profoundly” (Seliger e Vago 1991: 10).

Acrescentam Köpke e Schmid (2004: 17) que “what is essential is that language change [...] is *language internal*” e esta abordagem é mais utilizada, no entender destas académicas, em estudos de tipo intergeracional (ex. *language shift* ou *language change*).

2.2 Causas linguísticas externas

Conforme adiantam Köpke e Schmid (2004: 17), o atrito não é apenas consequência da falta de uso da L1. Em contraposição às causas de tipo interno, existem também causas de tipo externo, chamadas “*externally induced*” (Seliger e Vago 1991: 7-8).

Para Köpke (2004: 17), a influência da L2 é mais concreta e diz respeito ao emigrante que, devido ao contacto com a língua do país de emigração, manifesta uma perda da proficiência na sua L1 ao longo do tempo. De acordo com a autora, num contexto bilingue, a L1 seria substituída pela L2 na maioria dos episódios comunicativos, como por exemplo no ambiente de trabalho.

Esta segunda abordagem aproxima-se mais dos estudos de domínio léxico-semântico, mais vulnerável à influência de uma segunda língua (ver Seliger e Vago 1991: 7-8). No que diz respeito ao léxico, domínio de interesse deste trabalho, Seliger e Vago (1991: 10) explicam que “the lexical items, phrases, and grammatical categories of L1 and L2 can be intermingled within the span of an utterance”, gerando fenómenos como o *code-switching* ou a interferência linguística.

2.2.1 Cross-Linguistic Influence Hypothesis

O fenómeno do atrito parece estar mais ligado às causas externas e é mais acentuado nos falantes que demonstram um nível avançado de bilinguismo ou de

aquisição da L2 (ver Seliger e Vago 1991: 7), o que faz com que os elementos da L1 sejam moldados em analogia com os da L2.

Como relatado por Schmid (2011: 259), no caso dos bilingues trata-se de um processo bidirecional (L1→L2 ou L2→L1). Neste trabalho será dada atenção apenas à influência exercida pela L2 na L1.

Schmid e de Bot (2004: 212), no que concerne ao efeito da L2 na L1, afirmam que se trata de um verdadeiro ataque de uma língua sobre a outra e explicam que, quando se alcançam elevados níveis de proficiência na L2, a L1 do falante começa a mostrar carências devidas ao uso frequente da L2, carências estas que serão colmatadas por elementos da L2.

É a partir desta convicção que Sharwood-Smith (1989: 185) propõe a *Cross-Linguistic Influence Hypothesis*, segundo a qual um dos sistemas linguísticos que o indivíduo possui pode exercer influência sobre outro sistema linguístico que o mesmo possua. Esta hipótese, continua Sharwood-Smith (1989: 185), define a **transferência** como o mecanismo principal no fenômeno do atrito linguístico. Afirma Arabski (2007: 11) que o conceito de transferência tem origem na teoria behaviorista da aprendizagem.

A teoria behaviorista considera a aprendizagem um processo de imitação por parte dos aprendizes de uma língua estrangeira. Estes, explica o autor, recebem e copiam os dados de uma língua estrangeira e, através de uma prática regular, conseguem estabelecer os hábitos desta língua. Acrescenta Arabski que, na visão behaviourista, a transferência é entendida como “automatic, uncontrolled, and subconscious use of past learner behaviours in the attempt to produce new responses” (Arabski 2007: 11).

Na opinião de Odlin (1989: 6-7), a transferência ocorre quando, em situações de contacto de duas línguas, elementos ou estruturas de uma língua são transportados para a outra. A passagem de elementos da L2 para a L1 é propiciada pelo caráter de semelhança entre as línguas (ver Hammarberg 2001: 22). Afirmam Sharwood-Smith (1989: 194) e Köpke (2001: 366) que, quanto mais semelhantes forem as línguas, mais forte será a influência e maiores serão as probabilidades de um elemento de uma língua ser transferido para a outra. Nesta mesma perspectiva e segundo Odlin, a transferência pode ser definida como “the influence resulting from similarities and differences between the target language and any other language that has been previously acquired” (Odlin 1989: 27).

Com base nas características de semelhança e diferença das línguas, Odlin (1989: 36) destaca entre dois tipos de transferência:

- a **transferência positiva** (*Positive transfer*), que é favorecida pela semelhança de vocabulário entre duas línguas e permite reduzir o tempo necessário para desenvolver bons níveis de compreensão. De igual maneira, um alto grau de semelhança entre o sistema vocálico de duas línguas permite uma identificação mais fácil do som das vogais. Na escrita, a semelhança entre as palavras constitui uma vantagem para quem lê ou escreve. Para além disso, um maior grau de semelhança do sistema sintático das línguas L1 e L2 favorece uma melhor compreensão da gramática. Para Arabski, a transferência positiva resulta “in correct performance because the new behavior is the same as the old” (Arabski 2007: 12);
- a **transferência negativa** (*Negative transfer*), que é causada pelas divergências entre as normas da L1 e da L2, ou seja, como relata Arabski, “those instances of transfer which result in error because old, habitual behaviour is different from the new behaviour” (Arabski 2007: 12). A transferência negativa pode ser referida como *interference*. Nesta linha, Weinreich considera as interferências como “los casos de desviación con respecto a las normas de cualquiera de las dos lenguas que ocurren en el habla de los individuos bilingües” (Weinreich 1953: 17). Este tipo de transferência pode gerar os seguintes erros:
 - Subprodução (*Underproduction*): o falante evita as estruturas que mais diferem da própria L1;
 - Superprodução (*Overproduction*): consequência da subprodução; o falante comete erros tentando evitar determinadas estruturas linguísticas;
 - Produção de erros (*Production errors*): ocorrem na fala e na escrita e são de três tipos:
 - ⇒ Substituição: uso de formas da L2 na L1;
 - ⇒ Decalque: erros devidos a uma reprodução fiel das estruturas da L2;
 - ⇒ Alteração das estruturas.

- Interpretação errada (*Misinterpretation*): deve-se à compreensão errada das palavras no discurso oral ou à diferente ordem das palavras no caso da escrita.

(Ver Odlin 1989: 36.)

Ao longo deste trabalho será possível observar o fenómeno da transferência devido ao carácter de semelhança que une duas línguas românicas – o italiano e o português.

2.2.2 O fenómeno do *code-switching*

Como foi dito anteriormente, o atrito linguístico manifesta-se nos bilingues que alcançaram altos níveis de proficiência na L2 (ver Schmid e Köpke 2009: 210 e Schmid 2010: 1). Explica Schmid que numa conversa entre bilingues “lexical traffic from one language to the other is a common phenomenon” (Schmid 2011: 19).

Segundo Mozzillo (2009: 186), todas as vezes que um bilingue entra em contacto com um indivíduo que fala as mesmas línguas opta por uma dessas línguas, de acordo com o registo, mais ou menos formal, com o interlocutor ou com o contexto social.

Ferrari (2010: 45) anota que um maior domínio da L2 corresponde a uma perda de alguns aspetos linguísticos da L1. Por isso, acrescenta a autora que é possível observar nos bilingues a alternância de códigos ou *code-switching*, estratégia que lhes permite tornar o ato comunicativo mais fácil e fluente.

Na verdade, Odlin vê o *code-switching* como um intercâmbio sistemático de palavras e frases entre duas ou mais línguas (Odlin 1989: 7).

De acordo com Grosjean (1982: 145), numa conversa entre bilingues que dominam as mesmas línguas, a língua de base escolhida poderá alternar de acordo com as necessidades comunicativas, isto é, o bilingue poderá utilizar elementos da L2 para explicar um conceito específico.

Inicialmente, como refere Matras (2009: 101), este fenómeno era etiquetado como “*language corruption*” e, segundo Mozzillo (2009: 185), tratava-se de uma estratégia linguística que era subestimada, porque era considerada o produto de um bilingue “imperfeito”, que mostrava falhas comunicativas. Acrescenta a autora que só posteriormente lhe foi conferida a qualidade de estratégia comunicativa utilizada por bilingues em conversas com falantes que dominavam essas línguas. Ainda assim e de

acordo com Silva-Corvalán (1994: 6), algumas formas de alternância são o resultado de uma proficiência reduzida ou dificuldade em recuperar os elementos linguísticos temporariamente indisponíveis na memória do bilingue.

Hamers e Blanc (2000) sugerem uma classificação relativa a este fenómeno. Para os autores existem três tipos de *code-switching*:

- “**Extra-sentencial**: the insertion of a tag from one language into an utterance which is entirely in another language”;
- “**Inter-sentencial**: switch at clause/sentence boundary, one clause being in one language, the other clause in the other”;
- “**Intra-sentencial**: switches of different types occur within the clause boundary, including within the word boundary”.

(Hamers e Blanc 2000: 259-260.)

Para Matras (2009: 101), o *code-switching* não é um fenómeno arbitrário mas segue regras ligadas a motivações de tipo situacional ou contextual. Esta alternância de código pode ser causada pela dificuldade, por parte do bilingue, em recuperar a expressão adequada ao longo de uma conversa.

Alguns estudiosos, como Pavlenko (2004: 48), consideram que a presença de elementos da L2 na L1 não se deve considerar um caso de atrito. Para a autora, este fenómeno evidencia a habilidade do bilingue em dominar ambas as línguas, efetuando uma escolha entre os elementos mais apropriados e com maior carga de significado. Acrescenta a autora que poderá tratar-se de um caso de atrito linguístico apenas quando existe um elemento lexical correspondente na L1. Por outro lado, autores como Seliger e Vago (1991: 6) interpretam o *code-switching* como precursor do atrito linguístico. O facto de o bilingue não conseguir recuperar um determinado elemento da própria L1, substituindo-o por um elemento da L2, é, como afirmam Olshtain e Barzilay (1991: 140), sinónimo de perda de riqueza lexical. Tal perda manifesta-se também pelas dificuldades no uso de termos específicos e de rara utilização, o que caracteriza o processo de atrito da língua (Flores 2007: 118).

2.3 Causas extralinguísticas

Como descrito até ao momento, existem causas linguísticas internas e externas que influem na L1. Contudo, estas não são as únicas que desempenham um papel importante, pois existem também fatores não linguísticos que influenciam o nível de

atrito e que também podem ser designados por “*extralinguistic aspects*” (Schmid 2011: 69).

2.3.1 Idade

A maioria dos estudiosos, entre os quais Köpke e Schmid (2004: 19), considera a idade do falante como o fator extralinguístico de maior peso no atrito. De acordo com Köpke, “if there is some question in L1 attrition for which there is ample converging evidence, is that attrition in children is much more severe than in adults” (Köpke 2004: 7). Flores (2010: 533) afirma que vários estudos psicolinguísticos demonstraram que o atrito é muito mais evidente durante a pré-adolescência, contrastando com os resultados obtidos em estudos efetuados com adultos. Para além disso, acrescenta Flores (2008: 10) que os domínios linguísticos não são afetados todos de igual maneira pela idade a que foram expostos pela primeira vez. Para a autora, os mais ligados a períodos “críticos” de aquisição são os aspetos linguísticos que dizem respeito à sintaxe, à morfologia e à fonologia, enquanto o lexical e o semântico não são tão dependentes.

Como referido pela mesma estudiosa, parece existir portanto uma idade limite, passada a qual os resultados do atrito não serão tão evidentes. Contudo, os diferentes investigadores não chegaram ainda a um acordo sobre qual será esta idade limite (ver Flores 2010: 533).

Lenneberg (1967: 209) sustém que a aprendizagem de uma língua depende da maturação biológica do indivíduo e propõe a Hipótese do Período Crítico (*Critical Period Hypothesis*), segundo a qual o alcance de um determinado nível de maturidade neuropsicológica do cérebro do indivíduo dificulta a aprendizagem de uma outra língua devido à perda quer de plasticidade, quer de capacidade de reorganização. Para este autor, que se refere apenas à aquisição da L1, quanto mais cedo uma criança aprender uma L2 mais cedo poderá perder a própria L1. De acordo com Lenneberg (1967: 187), este período crítico situa-se por volta dos 13 anos; mas alguns estudiosos, entre os quais Bylund (2009: 709), pensam que poderá situar-se ainda antes. De acordo com esta última fonte, se a emigração ocorrer antes desta idade os efeitos do atrito na L1 podem ser dramáticos.

McLaughlin (1992: 2) refere que a Hipótese do Período Crítico foi questionada ao longo dos anos por vários autores. Este autor considera que a hipótese de uma criança aprender (ou perder) uma língua mais rapidamente do que um adulto, devido

apenas a fatores biológicos, é um mito. Na perspectiva dele, no processo de aprendizagem (ou perda) de uma língua são também fundamentais os fatores de tipo psicológico e social. McLaughlin (1992: 3) concorda que as crianças podem receber mais estímulos (ex. na escola) e de alguma forma serem forçados ao uso da L2, proporcionando-se uma aceleração do processo de aprendizagem (ou perda) da língua. Desta forma é possível perceber a importância fundamental do ambiente e dos estímulos recebidos neste tipo de processos. Por outro lado, o mesmo autor verifica também que em estudos de aprendizagem da L2, em que se comparava o desempenho de crianças e de adultos, estes últimos demonstraram um melhor desempenho, em situações controladas, à exceção da pronúncia. McLaughlin afirma que nos aprendizes adultos “pronunciation involves motor patterns that have been fossilized in the first language and are difficult to alter after a certain age because of the nature of the neurophysiological mechanism involved” (McLaughlin 1992: 5). Contudo, através de métodos de instrução avançados é possível melhorar a aquisição da pronúncia por parte de indivíduos adultos (ver Odisho 2007: 5).

2.3.2 Contacto

O contacto é talvez a causa mais influente, a seguir à idade. A manutenção da L1 é favorecida pelo contacto do falante com outros indivíduos que falam a sua L1. Contudo, na opinião de Schmid e de Bot (2004: 221), trata-se de uma condição de difícil quantificação, pois está ligada por sua vez a outros dois fatores: a oportunidade e a opção.

De acordo com Köpke (2002: 1341 e 2004: 20), o falante de L1 pode residir numa comunidade de imigrantes e conseqüentemente manter um alto nível de contacto com a própria língua mãe (oportunidade) mas pode decidir utilizar ou a sua L1 ou a L2 (opção). Pode também não conhecer ninguém na mesma situação e não utilizar nunca a L1. Por isso, nem sempre é possível monitorar e medir o nível de contacto, pois o falante raramente tem controlo sobre isso.

Para além disso, na opinião de Schmid e de Bot (2004: 221), é praticamente impossível estabelecer a quantidade de contacto necessária para um indivíduo manter a própria L1, porque não é possível quantificar o uso que faz da mesma.

Schmid (2011: 83) considera três tipos de uso da L1:

- “**interactive language use** – spoken and written communication with others” – a L1 é utilizada quer para o *input*, quer para o *output*;
- “**non-interactive exposure** – reading, media” – a L1 é utilizada apenas para o *input*;
- “**inner language** – thought, dreams, diary writing, counting/math, etc. – a L1 apenas é utilizada para o *output*.”

(Ver Schmid 2011: 83.)

Explica Schmid (2011: 94) que, enquanto os primeiros dois pontos beneficiam a manutenção da língua através do *input*, o terceiro é apenas um indicador do processo de atrito. Uma redução do uso “interno” da L1 (ex. pensamentos, sonhos, etc.) manifesta a presença do atrito da língua mas, ao mesmo tempo, não se trata de um fator que o proporciona.

Para Köpke (2001: 366-367) e Schmid (2011: 81), é geralmente aceite que um indivíduo manifesta maiores níveis de atrito se não tiver nenhum contacto com a própria L1. O contacto com outros falantes de L1 permite que haja *input*, ou seja, o que Sharwood-Smith e Van Buren (1991: 23) definem por evidência (ver Capítulo 1.4.2). De acordo com Köpke (2004: 17), o bilingue não tendo contacto com a própria L1 e conseqüentemente não recebendo nenhum *input*, utilizará a L2 como evidência confirmativa para colmatar as lacunas que se apresentarão na sua L1. Em conformidade com Flores (2007: 113), o *input* representa o fundamento da maioria dos estudos de tipo psicolinguístico que tentam perceber, por um lado, quando ocorre uma perda irreduzível da informação e, por outro lado, quando se verifica apenas um caso de inacessibilidade temporária à informação (Flores 2008: 15).

Os conceitos de perda e dificuldade de acesso estão ligados à *Activation Threshold Hypothesis* formulada por Paradis em 1985. Inicialmente proposta para estudar casos de afasia em indivíduos políglotas, esta hipótese foi sucessivamente adaptada a estudos de tipo não patológico. Como relatado por Gürel (2004: 55), esta hipótese baseia-se na relação entre a frequência de uso de um elemento linguístico e a sua ativação, ou seja, a capacidade em aceder-lhe. Para Paradis (2004: 28), cada elemento linguístico possui “limiars” que mudam de acordo com o uso frequente e recente da sua utilização. Assim, a um limiar mais baixo corresponde um acesso mais rápido e fácil em comparação com um limiar mais elevado. Afirma o autor que o uso frequente e recente dos elementos permite manter o limiar baixo e que, quando um

elemento não é utilizado, este limiar sobe, tornando-se o elemento de mais difícil acesso (Paradis 2004: 28). O mesmo autor acrescenta que um elemento com um limiar elevado requer um maior esforço para o atingir e alcançar assim o seu acesso. Para além disso, o autor postula que a ativação de uma língua na mente do bilingue corresponde à inibição do outro sistema linguístico. Desta forma o limiar relativo à língua inibida sobe, dificultando principalmente o acesso a elementos lexicais (Paradis 2004: 28).

Paradis (2004: 28) afirma que este processo não corresponde a uma perda permanente destes elementos linguísticos mas apenas a uma indisponibilidade momentânea. Assim, tais elementos são recuperáveis mediante um maior esforço por parte do bilingue.

2.3.3 Literacia

Köpke e Schmid (2004: 10) e Flores (2008: 21) consideram que a literacia é a causa extralinguística responsável pelo atrito que mereceu menos atenção por parte dos estudiosos. Para entender o seu papel no fenómeno do atrito é necessário fazer a distinção entre literacia e escolarização.

Marcuschi (2001), para definir o primeiro, utiliza o termo “letramento” e define-o como “processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários” (Marcuschi 2001: 21). Por outro lado, de acordo com o mesmo autor, a escolarização é “uma prática formal e institucional de ensino, que visa a uma formação integral do indivíduo” (Marcuschi 2001: 22).

Relata Flores (2008: 21) que estudos sobre o nível de escolaridade, como por exemplo o de Jaspaert e Kroon de 1989, produziram resultados pouco satisfatórios, pois estiveram sempre ligados a uma visão económica do problema, uma vez que se atribuíam níveis de educação superiores a uma melhor posição financeira. Desta forma, os emigrantes com maiores possibilidades económicas teriam mais oportunidades de viajar para o próprio país de origem e conseqüentemente zelar pela preservação da sua L1. Afirma a autora que esta visão está mais relacionada com a causa extralinguística, apresentada no capítulo anterior, sob a designação de “contacto”.

Por outro lado, sempre de acordo com Flores (2008: 21), o fator literacia está fortemente ligado à idade. Explica Köpke que o nível de literacia “enables the child to stay in *contact* with the language via books or written correspondence” (Köpke 2004: 14). Observa Flores (2008: 21) que crianças mais velhas privadas do contacto com a sua

L1, conseguem preservá-la melhor se comparadas com crianças mais novas. Desta forma, o nível de literacia, ou seja, a capacidade de ler e escrever na própria L1, representa, para Flores (2008: 21), uma vantagem em relação às crianças mais novas que ainda não adquiriram estas habilidades.

Por fim, afirma Köpke que “written input could indeed be a sufficient source of language, especially for late bilinguals for whom L1 was completely developed and fixed before the onset of attrition” (Köpke 2004: 14).

2.3.4 Duração da imigração e distância

Para Schmid e de Bot (2004: 220), os efeitos mais evidentes do atrito ocorrem nos primeiros dez anos de permanência no país estrangeiro e, de acordo com Schmid (2011: 79), sobretudo entre cinco e dez anos após a emigração. Para estes autores, um emigrante que consegue manter a própria L1 durante este período de tempo tem mais possibilidades de não vir a sofrer os efeitos do atrito nos anos a seguir.

Köpke (2000: 4) explica que a distância entre o país de origem e o de acolhimento é um fator importante quando se fala de atrito linguístico. Segundo a autora, “des personnes qui ont émigré depuis plus longtemps et qui se rendent moins souvent dans leur pays d’origine éprouvent plus de difficultés avec l’utilisation de leur L1” (Köpke 2000: 4), ou seja, quanto maior for a distância que separa os dois países, maiores serão os efeitos do atrito na L1 do falante. Isto porque, afirma Köpke “[c]ela implique que leur volonté de rompre avec les origines (et peut-être avec leur L1) est probablement plus grande” (Köpke 2000: 4), enquanto uma menor distância permite um maior número de deslocações ao país de origem, permitindo uma ligação mais próxima com esse.

2.3.5 Atitude

Köpke e Schmid (2004: 12) consideram que a atitude demonstrada pelo indivíduo desempenha um papel mais importante do que o tempo de emigração, quer no processo de aprendizagem quer no de atrito, uma vez que, conforme sustenta Schmid (2011: 96), a emigração pode ser uma experiência traumática.

Neste âmbito, Schmid (2002: 45) estudou alemães de origem judaica que fugiram ao regime nazi e passaram a residir nos Estados Unidos. O estudo realizado pela autora demonstrou que a principal causa do atrito não foi a ausência de contacto

com a L1, mas a vontade que estes indivíduos manifestaram em esquecer os acontecimentos dos quais tinham sido vítimas.

Por outro lado, Köpke (2000: 5) acrescenta que é importante reconhecer outros aspetos relativos ao emigrante como, por exemplo, a sua motivação em manter contacto com emigrantes do seu país ou a sua intenção de um dia regressar ao seu país de origem. Assim, na perspetiva da autora, os aspetos sociais e a duração da imigração tornam o indivíduo mais ou menos vulnerável aos mecanismos de atrito.

3. NÍVEIS LINGUÍSTICOS

Gürel (2004: 54) afirma que o atrito linguístico pode manifestar-se em vários níveis linguísticos. Alguns destes, segundo Capilla (2007: 28), são mais susceptíveis do que outros. Para Schmid e Köpke (2009: 212), o conhecimento lexical é o domínio no qual os efeitos do atrito linguístico se manifestam com maior frequência. De acordo com Schmid (2011: 47), o léxico dos falantes consta de milhares de itens, os quais estão sujeitos a uma contínua mudança. Já os domínios fonológico, fonético, morfológico e sintático dizem respeito a conjuntos de itens mais reduzidos que são utilizados com uma regularidade muito maior em cada interação. Estes constituem a estrutura da língua e conseqüentemente são menos vulneráveis. Na ótica de Schmid (2011: 48) são “more tightly interconnected than the large web of lexical items”. A mudança de um elemento da fonologia, da fonética, da morfologia ou da sintaxe teria, na opinião de Schmid (2011: 48), um impacto nos elementos dos outros domínios. Pelo contrário, a mudança de um item do domínio lexical não implicaria uma reestruturação dos outros elementos lexicais. De acordo com a autora, este é sem dúvida o domínio linguístico pelo qual os estudiosos demonstraram maior interesse e será tratado com mais pormenor no próximo subcapítulo.

O domínio morfológico é assunto de numerosos estudos mas sofre contudo um atrito mais lento (Ferrari 2010: 47). Neste domínio é possível encontrar exemplos de regularizações do sistema flexional, como a conjugação de verbos irregulares (Flores 2007: 118), erros relacionados com as preposições, género, artigos e regências verbais.

O domínio sintático é, segundo Flores (2008: 25), o mais resistente ao atrito e conseqüentemente é o campo com o menor número de estudos. Acrescenta Schmid (2002: 35) que em sujeitos bilingues adultos, o domínio sintático, em comparação com o morfológico e o lexical, manifesta um nível muito baixo de atrito. Sempre de acordo

com esta autora, tal é possível porque as línguas permitem construir frases de várias maneiras, conseguindo o falante evitar construções complicadas. Desta maneira, torna-se extremamente difícil estabelecer se o falante não quer recorrer a uma construção com um alto grau de complexidade ou se manifesta dificuldades no domínio da língua (Flores 2007: 119).

Porém, de acordo com a teoria da Gramática Universal, o atrito relativo ao domínio sintático tem uma explicação mais profunda. Para Chomsky (1981), existem parâmetros sintáticos adquiridos durante o processo de aquisição da língua que não podem ser apagados. O autor explica como “When the parameters of UG are fixed [...] a particular grammar is determined” (Chomsky 1981: 7). Segundo o autor, uma vez concluído o processo de maturação linguística e adquiridos os parâmetros sintáticos, estes não podem ser fixados novamente.

Por fim, de acordo com Ferrari (2010: 47), é dada pouca atenção aos aspetos fonológicos e fonéticos, sendo mais dificilmente afetados pelos mecanismos do atrito linguístico. Contudo, segundo a mesma autora, os sistemas fonéticos estrangeiros podem interferir na L1 com o passar do tempo. No que diz respeito a estes aspetos, Flege afirma que em relação a aprendizes tardios da L2 “earlier is better in regard to the pronunciation of an L2” (Flege 1999: 102). O autor explica que a impossibilidade de reprodução da pronúncia da L2 é devida aos níveis de proficiência muito elevados na pronúncia da própria L1 alcançados pelo indivíduo. Afirma o autor que este aspeto depende de dois fatores: nível de proficiência e frequência. Concluímos portanto que se a L1 é aprendida corretamente e é utilizada com frequência será menos vulnerável aos mecanismos de atrito. Daí provavelmente a dificuldade por parte de um indivíduo adulto de perder a própria pronúncia e a existência de um número reduzido de estudos deste domínio.

3.1 O domínio lexical

Schmid e Köpke (2009: 211), entre outros autores, afirmam que o léxico é sem dúvida o domínio linguístico mais vulnerável ao atrito, em virtude de os itens lexicais serem mais facilmente transferíveis. Ao contrário dos itens gramaticais, que constituem uma classe fechada, o léxico pertence a um sistema de classe aberta que permite a incorporação de novos elementos, favorecendo os mecanismos do atrito (Schmid e Köpke 2009: 212).

Sendo o lexical o domínio linguístico tido em consideração durante este trabalho, seguem algumas considerações acerca deste domínio, o qual será posteriormente relacionado com o fenómeno do atrito linguístico através dos conceitos fornecidos por Paradis (2004, 2007).

3.1.1 O léxico mental

De acordo com Jesus (2010: 28), o léxico mental é constituído pelos conhecimentos que adquirimos sobre as palavras e pelos conceitos que estas representam. Estas informações encontram-se armazenadas na nossa memória e, adianta a autora, que o léxico mental não representa apenas um simples elenco de vocábulos, mas um conjunto complexo de elementos lexicais que contêm informação de tipo gráfico, fonológico, gramatical, semântico, morfológico, constituindo desta forma uma rede organizada e dinâmica (Jesus 2010: 28).

Na mesma perspetiva e de acordo com Levelt (1989: 6), o léxico mental pode ser definido como “the store of information about the words in one’s language” e este “plays a central role in the generation of speech” (Levelt 1989: 232). O mesmo autor afirma que cada elemento lexical é uma entidade complexa que incorpora quatro características, entre as quais existem relações internas e dizem respeito:

- **Ao significado** (*meaning*): “the set of conceptual conditions that must be fulfilled in the message for the item to become selected”;
- **À sintaxe** (*syntaxe*): “a set of syntactic properties, including the category of the entry, the syntactic arguments it can take, and other properties”;
- **À morfologia** (*morphology*): “a morphological specification of the item”;
- **À fonologia** (*phonology*): “the items composition in terms of phonological segments, its syllable and accent structure”.

(Levelt 1989: 182.)

Refere Paradis (2007: 26) que as palavras, quando não são incluídas num determinado contexto, ou seja quando estão isoladas, perdem as características específicas da língua (ex. aspetos morfológicos, sintáticos, entre outros). Para aceder às palavras é preciso ativar o conjunto de características fonológicas, semânticas, morfológicas e sintáticas que as caracterizam. Destas características, explica Paradis (2007: 26), apenas o som e o significado são utilizados conscientemente, enquanto as outras características pertencem aos aspetos implícitos da língua. Desta forma é possível

distinguir entre palavras isoladas e palavras incluídas num contexto. De facto, retomando as palavras de Paradis (2007: 24), “words stand apart from the rest of language”.

Por palavras isoladas, o autor entende aquelas palavras que passam a fazer parte do nosso conhecimento através de uma aprendizagem explícita. De facto o nosso vocabulário prevê a inserção de novas palavras ao longo da vida e que podem ser consideradas como isoladas. Pelo contrário, os elementos gramaticais, ou seja o que o autor define “rest of the language” (Paradis 2007: 24), são aprendidos desde muito cedo, são caracterizados por um uso frequente e pertencem a uma classe fechada, que não admite novas incorporações.

Por isso, acrescenta Paradis (2007: 25), enquanto o controlo dos vários aspetos da língua é automático (implícito), o uso de uma palavra isolada requer um controlo consciente (explícito). Tal verifica-se, por exemplo, no caso das crianças saudáveis que, segundo Paradis (2007: 25), adquirem a gramática implícita da sua língua nativa aproximadamente à mesma velocidade e da mesma forma, mas manifestam diferenças na dimensão do seu vocabulário.

A partir desta convicção, Paradis (2007) faz a distinção entre léxico e vocabulário. Define léxico como “set of words represented in the brain, including their implicit morphological and syntactic properties” (Paradis 2007: 28-29), ou seja, como o conjunto de palavras pertencentes ao conhecimento implícito. Já o vocabulário corresponde ao “set of explicit word sound-meaning pairings” (Paradis 2007: 28), isto é, os aspetos que podem ser aprendidos conscientemente. Paradis (2007: 24-25) nota que a diferença entre léxico e vocabulário pode ser evidente no fenómeno do atrito linguístico da L1, pois o vocabulário manifesta uma maior vulnerabilidade devido ao contacto com a L2.

Antes de mais, é importante não confundir o que Paradis entende por léxico e o domínio lexical objeto deste trabalho. O termo “léxico” utilizado por Paradis diz respeito aos aspetos ligados à gramática de uma língua, implícitos, enquanto o “domínio lexical” referido ao longo deste trabalho refere-se ao que Paradis chama vocabulário e diz respeito aos aspetos ligados ao conhecimento explícito. De facto afirma o mesmo autor: “The word *lexicon* has been chosen to include implicit properties because it is the term generally used by theoretical linguists. The term *vocabulary* is traditionally used in second language learning/teaching context” (Paradis 2007: 29).

3.1.2 Memória Processual e Declarativa

Paradis (2004: 7) explica que a aquisição, o uso e a perda de uma língua estão ligados a dois tipos de memórias: implícita e explícita. A primeira é responsável pela aquisição e uso das habilidades do indivíduo e a segunda é responsável pela aprendizagem e pelo uso consciente do conhecimento (Paradis 2007: 23). De acordo com Paradis (2007: 23), a competência linguística implícita “is acquired incidentally, is stored implicitly, is used automatically, is subserved by procedural memory and is task-specific”. Por outro lado, explica o autor, o conhecimento explícito “is learned consciously, is stored explicitly, is consciously controlled when used, is sustained by declarative memory, and is not modality specific” (Paradis 2007: 23).

A memória processual, segundo a mesma fonte, está ligada a processos internalizados desde muito cedo e está relacionada com o desempenho motor e com os processos cognitivos aprendidos por um indivíduo. Paradis (2007: 23) refere que esta memória diz respeito às regras e aos itens gramaticais de uma língua.

Por seu lado, a memória declarativa está ligada ao nível consciente e está relacionada com a aprendizagem de novas palavras e com o consequente aumento de vocabulário (Paradis 2007: 23). Refere Paradis (2004: 9) que a memória declarativa é definida pelos psicolinguistas como a memória semântica e refere-se ao conhecimento enciclopédico geral do indivíduo que inclui o conhecimento do significado das palavras. A memória declarativa, continua o autor, é mais lenta, pois o seu acesso é consciente, o que implica um maior esforço e um maior grau de dificuldade, ao contrário da memória processual, que é muito rápida e caracterizada por um acesso implícito.

O vocabulário é portanto suportado pela memória declarativa, enquanto o domínio morfosintático e os aspetos fonológicos da língua (implícitos e governados por regras) são suportados pela memória processual (Paradis 2004: 15). Assim, o vocabulário é afetado inicialmente pelos mecanismos do atrito da L1, ao contrário dos outros níveis linguísticos (Paradis 2004: 12) e consequentemente a memória declarativa é mais vulnerável do que a processual, uma vez que está ligada à aprendizagem de novas palavras e ao aumento do vocabulário (Pinto no prelo).

Por fim, Paradis (2007: 24) acrescenta que a memória declarativa é mais afetada pela idade do que a processual. Tal é visível nos indivíduos de idade avançada, nos quais é possível notar uma maior dificuldade na recuperação do vocabulário, em comparação com as estruturas sintáticas mais complexas (ver Pinto 2010).

3.2 *Cross-Linguistic Influence Hypothesis* e o léxico mental

Schmid (2011: 19) afirma que dois sistemas linguísticos podem influenciar-se reciprocamente, constituindo um fenómeno complexo.

No que diz respeito aos aspetos lexicais, Müller-Lancé atesta que “instability is a characteristic feature of the multilingual mental lexicon” (Müller-Lancé 2003: 125). A autora afirma que a ligação entre elementos da L1 e da L2 depende do grau de semelhança e da frequência com que estes são utilizados. Por fim, afirma que “The better a language is mastered, the stronger are the connections between elements” e ainda que “cross-linguistic connections can be built up quickly – but they can also be affected by attrition” (Müller-Lancé 2003: 125).

Este assunto foi aprofundado por Pavlenko (2004: 47), que distinguiu quatro processos na interação entre o léxico de duas línguas, os quais são descritos também por Schmid e Köpke (2009: 213) e Schmid (2011: 20). Os quatro processos são os seguintes:

- **Empréstimo** (*borrowing or lexical borrowing*): “use of L2 elements which are typically morphologically and phonologically integrated into the L1 system” (Schmid e Köpke 2009: 213). Schmid (2011: 20) define este processo como sendo “the most overt type of CLI, as it is the entire lexical form which is adopted”. De acordo com a mesma autora, estes itens podem ser utilizados pontualmente ou permanentemente (como no caso das comunidades de emigrantes) e traduzem um fenómeno muito comum entre os emigrantes. Pavlenko (2004: 48) relata que este processo é mais visível no léxico e refere que é frequentemente apontado como sinal de atrito da L1. Contudo – explica ainda a autora – tal nem sempre é verdade. O empréstimo pode ser considerado evidência de atrito apenas nos casos em que existe um item equivalente na L1 que o falante já não consegue reproduzir ou compreender. Se tal não acontecer, Schmid considera que se verifica “a semantic enrichment of the recipient language” (Schmid 2011: 26);
- **Reestruturação** (*restructuring*): “existing L1 elements are reanalyzed according to the semantic scope of the corresponding L2 item. In other words, while the item itself remains a part of the language, its meaning is changed” (Schmid e Köpke 2009: 213). Ao contrário dos empréstimos, Schmid (2011: 27) refere que neste processo não assistimos à integração de

novos itens no sistema; são os itens que já lá existem que mudam de significado. A autora acrescenta que é possível notar este fenômeno no léxico dos bilíngues, enquanto o significado de algumas palavras se amplia (*semantic extension*) ou restringe (*semantic narrow*), até coincidir com o escopo do significado na outra língua. Schmid (2011: 28) afirma também que a reestruturação lexical é um fenômeno menos óbvio em relação ao empréstimo. A reestruturação ocorre quando os termos na L1 e na L2 são semelhantes, ao contrário do empréstimo em que podem ser afetados elementos da L2 que não são equivalentes aos existentes na L1. Na opinião da autora, enquanto os “protagonistas” do empréstimo são itens pouco utilizados, no caso da reestruturação os termos mais afetados são aqueles utilizados com maior frequência, mas cujo significado não é específico;

- **Convergência** (*convergence*): “merging of L1 and L2 concepts, creating one single form which is different from both the L1 and the L2 one” (Schmid e Köpke 2009: 213). Segundo Schmid (2011: 31), para que este processo ocorra é necessário que em ambas as línguas exista um item semelhante. Explica a autora que a reestruturação difere da convergência porque, neste último caso, os itens são formalmente iguais mas têm um conteúdo diferente. Em contrapartida, para que ocorra um processo de reestruturação, o conteúdo dos itens deve ser o mesmo enquanto a forma pode ser completamente diferente (Schmid 2011: 31). Um exemplo deste fenômeno são os denominados *false friends*, ou seja, palavras de uma língua que, embora pareçam semelhantes morfológica e fonologicamente às de uma outra, têm significados diferentes;
- **Troca** (*shift*): “changing of L1 items or structures toward norms specified by L2” (Schmid e Köpke 2009: 213). De acordo com Schmid (2011: 35), ao contrário dos processos anteriormente descritos, a troca afeta vários campos lexicais, enquanto no caso do empréstimo, da reestruturação e da convergência só é afetado um item lexical. Um exemplo deste processo são as transferências literais, isto é, quando se verifica uma tradução que segue palavra por palavra a expressão de origem.

(Ver Pavlenko 2004: 47, Schmid e Köpke 2009: 213 e Schmid 2011: 20.)

As autoras explicam que os processos descritos acima estão mais ligados às causas externas, ou seja, à influência que a L2 exerce na L1. Contudo, afirma Schmid (2011: 38) que o léxico mental do bilingue não é afetado apenas pelo contacto entre os sistemas linguísticos, mas também pela falta de estímulos, que limitam o acesso à informação (ver Paradis 2004: 28). De acordo com Pavlenko (2004: 47), Schmid e Köpke (2009: 213) e Schmid (2011: 38), no caso do atrito da primeira língua “L1 system is not merely changed in the way described above, but is simplified or ‘shrunk’ to some degree. This process may imply internal restructuring of the system by way of processes such as analogical levelling of grammatical features, loss of vocabulary and an overall reduction of complexity” (Schmid e Köpke 2009: 213-214). Retomando as palavras de Schmid (2011: 38-39), assiste-se a um *degrade* da informação armazenada na memória do bilingue, com conseqüente simplificação interna do léxico mental (Schmid 2011: 39). Porém, de acordo com a mesma fonte, é muito difícil detetar este último aspeto no léxico mental do bilingue, na medida em que se trata de alterações mais profundas que ocorrem no sistema linguístico. Também Ferrari (2010: 39) refere que é muito difícil demonstrar os efeitos das causas internas principalmente quando não estão em causa várias gerações.

A partir desta convicção, o atrito linguístico será analisado através das causas linguísticas externas, uma vez que este estudo foi conduzido num contexto bilingue, ou seja, onde existe contacto entre as línguas L1 e L2. Será dada maior importância ao efeito que o fenómeno do atrito linguístico exerce no domínio lexical, utilizando os processos propostos por Pavlenko (2004: 47) relativos aos vários tipos de interferência linguística que nos permitem identificar os sinais de atrito neste domínio.

II – PARTE PRÁTICA: ESTUDO DE CASO

O presente capítulo representa a segunda etapa deste trabalho. Nesta segunda parte, serão apresentados os exemplos de atrito linguístico da L1 recolhidos por gravação de conversas espontâneas de um indivíduo adulto nativo italiano. Será descrita a metodologia utilizada para a recolha das gravações e os exemplos detetados e transcritos serão analisados na terceira parte do trabalho, para assim poder responder às questões inicialmente colocadas:

- Quais são as condições para que o fenómeno do atrito linguístico da L1 se manifeste?
- Quais são as causas que proporcionam este fenómeno?
- Qual é o domínio linguístico mais afetado?

É importante realçar que o presente trabalho se enquadra no que é definido por “estudo de caso”, uma vez que a amostra é constituída por apenas um indivíduo. Como descrito por Yin (1994: 1), o estudo de caso é uma estratégia utilizada para responder a dois tipos de pergunta “*how?*” e “*why?*”. Segundo o mesmo autor, este tipo de abordagem deixa pouco espaço a generalizações, visto tratar-se de estudos específicos, com base numa amostra reduzida, como é disso exemplo este estudo. Apesar das limitações dum estudo como este, de acordo com Köpke (1999, referido por Capilla 2007: 39), os estudos de caso são os mais apropriados para estudar o atrito pois, devido ao carácter heterogéneo das populações que sofrem este fenómeno, cada indivíduo manifesta sinais de atrito diferentes.

1. METODOLOGIA

Apesar de os primeiros estudos sobre o atrito remontarem há três décadas, estas investigações são ainda caracterizadas por inconsistência metodológica (Ferrari 2010: 53).

Neste trabalho, para proceder à recolha dos exemplos, foi escolhido o discurso espontâneo, o que confere ao estudo um carácter de naturalidade. Desta forma, não foi exercida nenhuma pressão no interlocutor e não houve nenhuma influência por parte do autor, que se limitou a conversar com este.

As gravações foram feitas entre dezembro de 2011 e maio de 2012 em vários ambientes (duas em casa, quatro em cafés, quatro na rua e duas em restaurantes) e sempre presenciais.

A língua base utilizada durante as conversas foi sempre o italiano, a L1 do sujeito deste estudo e do autor do mesmo.

1.1 Amostra/Sujeito

A amostra deste estudo é constituída por um falante nativo italiano. Trata-se de um emigrante, de primeira geração, de sexo masculino, originário do norte de Itália, que se transferiu para Portugal em 2007, com 25 anos de idade. Tem hoje 30 anos e em novembro de 2012 completará o seu quinto ano de residência em Portugal. O sujeito completou os estudos em Itália, é licenciado em Economia e, antes de se transferir para a cidade do Porto, viveu durante seis meses no estrangeiro, onde utilizou preferencialmente a língua inglesa.

Hoje em dia vive com uma portuguesa, fluente em italiano, e mantém contactos com a família e amigos através de telefone e correio eletrónico. As visitas à sua cidade natal não são muito frequentes, podendo estimar-se em média duas visitas por ano e as visitas dos pais e de outros familiares e amigos apresentam a mesma frequência.

Para além disso, o sujeito em questão mantém contactos com alguns elementos da comunidade italiana residente no Porto, com os quais comunica maioritariamente em italiano.

O indivíduo em estudo aprendeu a língua portuguesa num estado de imersão em território português, não tendo realizado estudos de tipo escolar ou académico, nem frequentado escolas particulares de línguas. Embora tenha alcançado altos níveis de proficiência em português, em casa utiliza preferencialmente o italiano e no ambiente de trabalho o português.

1.2 Material e procedimento

Foram gravados discursos espontâneos utilizando um gravador OBI, modelo CXR190-2G e apenas os exemplos relativos a este estudo foram transcritos, de forma a preservar a privacidade dos indivíduos protagonistas das conversas.

Para a explicação dos exemplos recolhidos foram utilizados os dicionários monolíngue de italiano disponíveis na web em <http://www.dizionario-italiano.it>,

<http://dizionari.corriere.it>, http://dizionari.hoepli.it/Dizionario_Italiano.aspx?idD=1 e o dicionário monolíngue português disponível na web em <http://www.priberam.pt/dlpo>. Foi também utilizado o dicionário bilingue português-italiano/italiano-português disponível na web em <http://www.infopedia.pt>.

Para a apresentação dos exemplos foram utilizadas as abreviações SL (*Source Language*) para indicar os exemplos proferidos em italiano pelo falante durante as conversas espontâneas e TL (*Target Language*) para indicar a tradução em português.

Nas tabelas, os termos entre aspas (“”) indicam as produções do sujeito durante a gravação, os termos em *itálico* correspondem ao termo em português e por fim, os termos em MAIÚSCULAS PEQUENAS representam a tradução em italiano.

Por fim, para as transcrições ortográficas dos exemplos recolhidos utilizaram-se os seguintes sinais, de acordo com o Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe (G.A.R.S) (Raingeard e Lorscheider 1977: 15-16):

- : alongamento
- pausa curta
- pausa média
- pausa longa
- X... palavra interrompida
- X palavra incompreensível
- XXX enunciado incompreensível

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram obtidas 12 gravações, perfazendo um total de aproximadamente 18 horas de conversas espontâneas, com uma média de 1 hora e 30 minutos por gravação. Foram recolhidos no total 52 exemplos, considerados sinais de atrito. Estes foram depois divididos de acordo com as quatro categorias fornecidas por Pavlenko (2004: 47) e já apresentadas no Capítulo 3.2: empréstimo, reestruturação, convergência e troca.

Foram também observados e transcritos 20 exemplos de *code-switching* considerados pertinentes para a explicação desta estratégia adotada pelos bilingues. Retomando as palavras de Odlin (1989: 7), trata-se do intercâmbio de palavras de duas ou mais línguas, neste caso a presença de palavras pertencentes à L2 em discursos na L1.

O número de exemplos recolhidos está resumido na Tabela 1.

Tabela 1 – Resumo dos exemplos verificados durante as gravações

Categoria	Empréstimo	Reestruturação	Convergência	Troca	Code-switching	Total
Nº de exemplos	10	12	5	5	20	52

Os exemplos apresentados nas próximas secções deste capítulo demonstram, na opinião do autor e em concordância com o objetivo deste estudo, testemunhos de perda da proficiência do falante de L1 devido ao contacto com a L2, traduzíveis em sinais de atrito da primeira língua.

2.1 Empréstimo

O empréstimo, bem como a reestruturação, a convergência e a troca, é favorecido pelo carácter de semelhança entre o português e o italiano. O contacto entre os sistemas destas duas línguas, ambas românicas, permite a criação de novos termos, como os que serão apresentados a seguir. Segundo Pavlenko (2004: 47), assistimos a uma adaptação na L1, quer morfológica quer fonológica, do termo da L2.

No entender de Schmid e Köpke, os elementos lexicais são mais vulneráveis porquanto “the lexicon can tolerate a certain amount of change, loss or interference. A certain amount of flexibility may even be an intrinsic characteristic of open-class systems such as the lexicon” (Schmid e Köpke 2009: 212). Por outro lado, elementos gramaticais como pronomes, artigos e preposições, são pouco flexíveis e pertencem a uma classe fechada, que não permite incorporação de novos elementos.

Na segunda coluna da Tabela 2 foi introduzido o termo recolhido nas gravações, seguido pelo termo da L2 que influenciou a sua criação e na última coluna apresenta-se o termo correto na L1. Todos os termos apresentados na segunda coluna da Tabela 2 foram “criados” pelo bilingue em questão e tal foi confirmado através da consulta dos dicionários *online* anteriormente citados.

Os exemplos verificados nas gravações encontram-se na Tabela 2:

Tabela 2 – Exemplos de Empréstimo

Exemplo N°	<i>Sinai de atrito</i>	L2 – português	L1 – italiano
1.1	“Rebocare”	<i>Rebocar</i>	RIMORCHIARE
1.2	“Splanata” (x 3)	<i>Esplanada</i>	ALL’ APERTO
1.3	“Stanno cortando”	<i>Estão a cortar</i>	STANNO TAGLIANDO
1.4	“Descontano”	<i>Descontam</i>	DETRAGGONO
1.5	“Encosto”	<i>Encosto</i>	ACCOSTO
1.6	“Caloiri”	<i>Caloiros</i>	MATRICOLE
1.7	“Claraboie”	<i>Claraboias</i>	LUCERNARI
1.8	“Rettoria”	<i>Reitoria</i>	RETTORATO

Exemplo 1.1

SL – passano abbastanza a “rebocare”

TL – passam muitas vezes a *rebocar*

Os verbos italianos que pertencem à primeira conjugação apresentam no infinitivo a desinência *-are*. Neste caso o verbo *rebocar* foi incluído entre os verbos de primeira conjugação do italiano, graças à pronúncia do “e” final por parte do indivíduo protagonista deste estudo.

Exemplo 1.2.1

SL – ma anche loro che hanno la “splanata” e si sono fatti mettere le robe - l'immondizia lì

TL – eles não deviam deixar os contentores do lixo tão perto da *esplanada*

Exemplo 1.2.2

SL – cioè se mi mettono una roba così attaccato alla mia “splanata” gli do fuoco

TL – se tivessem posto os contentores do lixo tão perto da minha *esplanada* era capaz de lhes pegar fogo

Exemplo 1.2.3

SL – mi sono messo sulla “splanata”

TL – sentei-me na *esplanada*

Como afirma Pavlenko (2004: 48), “lexical borrowing is evidence of L1 attrition only in cases where an exact L1 equivalent exists but is no longer available to the speaker”. Ou seja, o **empréstimo** deve ser considerado sinal de atrito apenas nos casos em que existe um item equivalente na L1 (Pavlenko 2004: 50). Assim, de acordo com a autora, no caso dos exemplos referidos em 1.2.1, 1.2.2, 1.2.3, não se pode falar de empréstimo, pois o termo *esplanada* não possui uma tradução direta em italiano. De acordo com o dicionário bilingue *online* Infopédia, a tradução seria *parte all’aperto di un caffè* (=parte de um café ao ar livre). Contudo, considero que o termo “splanata” foi emprestado pela língua portuguesa à língua italiana, tendo sofrido, tal como os outros exemplos, uma modificação morfológica e fonológica, pelo que foi incluído nesta categoria.

Exemplo 1.3

SL – i tir - - “stanno cortando” tutta l’Italia

TL – os camiões *estão a cortar* a Itália a meio

Este exemplo pode criar algumas perplexidades que derivam do facto de o gerúndio ser formado, quer em português, quer em italiano, juntando ao radical o mesmo sufixo *-ndo*. O gerúndio “cortando”, utilizado pelo indivíduo, foi considerado um exemplo de empréstimo, e não de *code-switching*, devido ao escasso uso do gerúndio em português europeu, que utiliza de preferência uma construção de tipo “a + infinitivo”. Este caso é, de alguma forma, parecido com o exemplo 1.1 desta mesma tabela, ou seja, é como se o falante estivesse a utilizar um hipotético verbo “cortare” para a formação do gerúndio.

Exemplo 1.4

SL – non: non: non “descontano” - - non chiedono - - non levano quei soldi

TL – não *descontam* aquele valor

Exemplo 1.5

SL – allora io “encosto” a destra

TL – então *encosto* à direita

Os verbos portugueses *descontar* e *encostar* são conjugados respetivamente na terceira pessoa do plural e na primeira pessoa do singular, como se fossem verbos regulares italianos da primeira conjugação.

Exemplo 1.6

SL – e questi sono i “caloiri”

TL – e estes são os *caloiros*?

Exemplo 1.7

SL – stavamo facendo un'analisi stilistica di queste “claraboie”

TL – estávamos a fazer uma análise estilística destas *claraboias*

Nos exemplos 1.6 e 1.7 é possível observar que os radicais dos substantivos pertencem à L2, enquanto as desinências do plural são da L1, tanto no plural masculino, como no plural feminino.

Exemplo 1.8

SL – ma questa qui é ancora la “rettoria”

TL – mas esta ainda é a *reitoria*?

Ao contrário dos exemplos 1.6 e 1.7, no exemplo 1.8 o termo criado pelo falante conserva o radical do substantivo italiano “rettorato”, utilizando a desinência do substantivo português.

2.2 Reestruturação

O conceito de semelhança (Hammarberg 2001: 22 e Sharwood-Smith 1989: 194) é mais uma vez o protagonista. Na lista de exemplos aqui apresentada aparecem termos que, no entender de Pavlenko (2004: 51), já pertencem à L1. Para Capilla (2007: 62), trata-se de palavras muito similares que coincidem semanticamente em algumas aceções. Retomando as palavras de Schmid (2011: 28) fazem parte desta categoria “items [...] of relatively unspecific meaning”.

Os exemplos relativos a este processo constam na Tabela 3:

Tabela 3 – Exemplos de Reestruturação

Exemplo N°	Sinai de atrito	L2 – português	L1 - italiano
2.1	“Funzionarie”	<i>Funcionárias</i>	IMPIEGATE
2.2	“Contabilizzando”	<i>Contabilizar</i>	CALCOLANDO
2.3	“Contrattiamo”	<i>Contratamos</i>	ASSUMIAMO
2.4	“Liquidi”	<i>Líquidos</i>	NETTI
2.5	“Valore/i” (x 5)	<i>Valor/es</i>	CIFRA/E
2.6	“Marginale” (x 2)	<i>Marginal</i>	LITORANEA
2.7	“Camera”	<i>Câmara</i>	COMUNE

Exemplo 2.1

SL – é successo di portare in giro delle “funzionarie” dei negozi

TL – foi preciso acompanhar as *funcionárias* das lojas

Em italiano entende-se por “funzionarie” sujeitos que desempenham funções de gestão ou de representação e por IMPIEGATE entendem-se pessoas que exercem uma função remunerada em estabelecimento público ou particular. Estamos perante duas palavras pertencentes ao mesmo campo semântico mas com significado ligeiramente diferente. O uso incorreto do termo deve-se seguramente à proximidade do termo português *funcionárias*.

Exemplo 2.2

SL – non “contabilizzando” - - perfettamente le ore di formazione - - che non ho avuto

TL – sem *contabilizar* perfeitamente as horas de formação que não recebi

O verbo italiano “contabilizzare” refere-se, de acordo com o dicionário monolíngue italiano *online*, ao registo de um valor, uma despesa ou algo de parecido, nas contas administrativas. Neste caso concreto, falamos de um cálculo que não tem sido feito ou tem sido feito de forma errada. Embora se trate de uma operação a nível administrativo e que portanto prevê o registo de um valor de indemnização, para indicar uma contagem, em italiano, seria mais correto utilizar o verbo CALCOLARE.

Exemplo 2.3

SL – arriva il presidente e dice ti “contrattiamo”

TL – chega o presidente e diz: *contratamos-te!*

O verbo “contrattare” é utilizado em italiano com o significado do verbo português regatear. Neste caso *contratar* foi utilizado para descrever uma situação de oferta de trabalho por um empregador. Para descrever este tipo de situações em italiano utiliza-se o verbo ASSUMERE. É possível justificar o uso do termo “contrattare”, porque, para além da semelhança entre os verbos das duas línguas, este termo também se pode referir à discussão das condições de aquisição ou venda de algo, no caso concreto um contrato de trabalho.

Exemplo 2.4

SL – 1200 cosa - “liquidi” intendevi

TL – entendias 1200€*líquidos?*

O adjetivo “liquidi” pode referir-se ao dinheiro, mas no caso em que se trate de dinheiro numerário. Neste caso o adjetivo *líquidos* refere-se a um valor sem impostos, que em italiano se traduziria com o termo NETTO.

Exemplo 2.5.1

SL – ho paura - - cioè - - che inizino a girare dei “valori” che sono - - un 20% più bassi

TL – receio que comecem a oferecer *valores* 20% inferiores

Exemplo 2.5.2

SL – vedrai che sarà - sarà da ridere, perchè tipo, sparerei il tuo “valore” e ti guarderanno tipo ---

TL – será de rir, porque dirás o *valor* que pretendes ganhar e olharão para ti de forma esquisita

Exemplo 2.5.3

SL – coi tempi che corrono fa - - sto “valore” sarà molto difficile

TL – nesta altura será muito difícil conseguir este *valor*

Exemplo 2.5.4

SL – e quando ho detto il “valore” - -

TL – e quando disse o *valor*...

Exemplo 2.5.5

SL – perchè dovremo accettare un “valore” che non è quello che abbiamo in testa

TL – porque teremos de aceitar um *valor* que não corresponderá ao que desejamos

O substantivo “valore”, tal como nos casos anteriores de **reestruturação**, possui muitas aceções. Este pode ser utilizado para indicar talentos e habilidades de um indivíduo, qualidades morais e intelectuais ou até coragem. É utilizado também para designar o preço ou o custo de algo e neste caso está mais relacionado com o que se pode definir em termos de valor de mercado. Nestes exemplos específicos, o termo *valor* refere-se à quantidade de dinheiro oferecida para contratar um trabalhador. Embora se trate de um valor atribuível aos serviços fornecidos por um trabalhador e representa portanto um custo para o empregador, em italiano utilizar-se-ia o termo CIFRA, mais apropriado no que diz respeito à contratação de um trabalhador.

Exemplo 2.6.1

SL – quello sulla “marginale”

TL – aquele na *marginal*

Exemplo 2.6.2

SL – se si poteva fare li - - sulla “marginale” di Gaia

TL – se era possível fazê-lo na *marginal* de Gaia

Segundo os dicionários monolíngues português e italiano, o significado deste termo é amplamente semelhante. Por *marginal* entende-se algo que está à margem ou alguém que vive à margem da sociedade. No caso deste exemplo, no dicionário monolíngue português *online*, *marginal* corresponde a “Estrada ou rua junto à margem de um curso de água”. Quando *marginal* é utilizado com este significado, em italiano utiliza-se o termo LITORANEA. A decisão de incluir este termo nos exemplos que dizem respeito à **reestruturação** deve-se ao facto de o termo italiano “*marginè*” (=margem) ser sinónimo do termo “*sponda*” (=margem, borda, beira), utilizado para indicar a margem de um curso de água. Desta forma o falante procedeu à extensão do significado do termo em questão.

Exemplo 2.7

SL – a me verrebbe da scrivergli una lettera a - - a - - alla “Camera” qua di - - eh

TL – gostaria de escrever uma carta à *Câmara*

Este termo foi incluído nesta categoria pelo facto de tanto o termo gravado, tanto o da L2, se referirem a duas instituições políticas. Neste exemplo, o falante refere-se à Câmara Municipal da cidade, isto é, de acordo com o dicionário *online* Infopédia, “edifício onde os vereadores se reúnem e onde estão instaladas as várias repartições dos serviços administrativos de um concelho”. O nome italiano utilizado para designar esta instituição é COMUNE, enquanto “Camera” significa Câmara dos deputados, ou seja, a Assembleia da República.

2.3 Convergência

Embora menos frequentes, foram detetados alguns exemplos de **convergência**. Como explica Schmid (2011: 31), neste caso estamos perante itens semelhantes presentes quer na L1, quer na L2 mas com significado completamente diferente.

Na Tabela 4, a segunda coluna apresenta termos que também podem ser considerados *false friends*, ou seja, termos parecidos nas línguas em questão mas que apresentam substanciais diferenças a nível de significado.

Os exemplos estão listados na Tabela 4:

Tabela 4 – Exemplos de Convergência

Exemplo Nº	Sinai de atrito	L2 - português	L1 - italiano
3.1	“Cilindro”	<i>Cilindro</i>	SCALDABAGNO
3.2	“Elettrico” (x2)	<i>Elétrico</i>	TRAM
3.3	“Segretaria”	<i>Secretária</i>	SCRIVANIA
3.4	“Entrate”	<i>Entradas</i>	ANTIPASTI

Exemplo 3.1

SL – hanno messo il “cilindro”

TL – instalaram o *cilindro*

Este primeiro exemplo explica perfeitamente o significado do processo de **convergência**. No caso da palavra “cilindro”, que difere do português apenas na pronúncia, estamos perante dois termos formalmente iguais mas de conteúdo completamente diferente.

Em italiano o “cilindro” é um chapéu (cartola) ou em geometria, um sólido, enquanto, neste caso, foi usado para designar um esquentador de banho.

Exemplo 3.2.1

SL – poi tornate su quell“elettrico”

TL – depois voltam naquele *elétrico*

Exemplo 3.2.2

SL – invece tu non ti sei ancora preso l”elettrico” - non hai mai preso l”elettrico”

TL – ainda não andaste de *elétrico*! Nunca andaste de *elétrico*?

O meio de transporte chamado em português *elétrico* corresponde ao italiano TRAM; por sua vez, a palavra “elettrico” remete para algo relativo à eletricidade à semelhança do que acontece em português.

Exemplo 3.3

SL – le hanno levato tutto - la “segretaria” - computer - - -

TL – tiraram-lhe a *secretária*, o computador...

Em português com a palavra *secretária* pode entender-se, segundo o dicionário *online* Infopédia, “Mulher que exerce funções de secretariado” ou “Móvel de escritório”. Neste caso, a palavra “segretaria”, que em italiano corresponde apenas à primeira destas duas aceções, foi utilizada com referência à mesa do escritório, que em italiano se chama SCRIVANIA. Provavelmente, este desvio foi devido ao uso mais frequente deste termo no ambiente de trabalho e à clara semelhança entre os dois termos.

Exemplo 3.4

SL – avevamo già fatto - - delle belle “entrate”

TL – tínhamos preparado umas boas *entradas*

O termo *entrada* tem o mesmo significado quer em italiano, quer em português quando utilizado no sentido de passagem ou abertura que dá acesso a um outro espaço: porta ou ingresso. Neste caso, em conformidade com o dicionário *online* Infopédia, por *entrada* entende-se “aperitivo ou uma iguaria servida no início de uma refeição”, que em italiano corresponde à palavra ANTIPASTO.

2.4 Troca

Nesta categoria, foram inseridos casos de tradução literal de expressões geralmente utilizadas em português, que não são utilizadas em italiano.

Como afirmado por Odlin (1989: 37), trata-se de “errors that reflect very closely a native language structure”.

Nos exemplos que se seguem é possível observar como a produção na L1 foi moldada de acordo com as estruturas da L2:

Tabela 5 – Exemplos de Troca

Exemplo Nº	<i>Sinais de atrito</i>	L2 - português	L1 - italiano
4.1	“Sistema Nazionale di Salute”	<i>Sistema Nacional de Saúde</i>	SISTEMA SANITARIO NAZIONALE
4.2	“Centro di Impiego”	<i>Centro de Emprego</i>	UFFICIO DI COLLOCAMENTO
4.3	“Sicurezza Sociale”	<i>Segurança Social</i>	PREVIDENZA SOCIALE
4.4	“Sussidio di ferie”	<i>Subsídio de férias</i>	QUATTORDICESIMA
4.5	“Di casa”	<i>De casa</i>	DI SERVIZIO

Exemplo 4.1

SL – in Italia puoi anche XXX il “Sistema Nazionale - - di Salute”

TL – em Itália podes beneficiar também do *Sistema Nacional de Saúde*

Exemplo 4.2

SL – sei già andato al “Centro di Impiego”

TL – já foste ao *Centro de Emprego*?

Exemplo 4.3

SL – sono soldi che ci spettano di diritto perché comunque abbiamo pagato la “Sicurezza Sociale”

TL – é um direito nosso recebermos esse dinheiro porque pagamos a *Segurança Social*

Desta vez, estamos perante decalques de nomes que dizem respeito a instituições ultimamente muito utilizados pelos *media*. O uso quase diário destes nomes e a presença de palavras correspondentes na L1 facilitou a tradução literal.

Exemplo 4.4

SL – mezzo “sussidio di ferie” del primo anno

TL – meio *subsídio de férias* do primeiro ano

O *subsídio de férias* corresponde à décima quarta mensalidade, pelo que em Itália é vulgarmente denominado QUATTORDICESIMA ou, mais precisamente, INDENNITÀ

DI FERIE. Mais uma vez, estamos perante uma tradução literal favorecida pela existência, em ambas as línguas, de uma tradução direta de cada uma das palavras que constituem este nome.

Exemplo 4.5

SL – l'ultimo mese e mezzo che ha dovuto dare “di casa” le hanno levato tutto - la segretaria - computer ---

TL – no último mês e meio *de casa* tiraram-lhe a secretária, o computador...

Neste caso específico, a expressão portuguesa *de casa* indica o tempo de permanência de um trabalhador numa empresa. Se nos exemplos anteriores de **troca** existia alguma ligação, embora remota, a nível semântico, neste exemplo estamos perante uma tradução *word-for-word*. Em italiano para descrever tal período de trabalho numa mesma empresa utiliza-se a expressão DI SERVIZIO.

2.5 Code-switching

No presente trabalho, foi dado também espaço à estratégia de *code-switching* na medida em que se encontra relacionada com o contacto linguístico e é fruto da influência exercida pela L2 no sistema linguístico do falante. Para além disso, estamos face a uma estratégia linguística diretamente relacionada com o léxico. Tal é confirmado pelas palavras de Schmid, que afirma que “[i]n the lexical, or open-class domain, it is hard to see where effects like code-switching and code-mixing should come from, if not directly from the linguistic system of the L2” (Schmid 2002: 14).

O *code-switching* é um fenómeno muito comum em conversas entre bilingues e, de acordo com Schmid (2011:84), especialmente em conversas informais. Graças a esta estratégia comunicativa, o falante consegue tornar o processamento das informações mais leve, dado que na sua mente não está presente apenas um sistema linguístico. O falante, dependendo das necessidades comunicativas, utilizará a L2 para colmatar algumas lacunas que se podem vir a formar por causa de uma maior exposição a esta língua. De facto, como já referido no enquadramento teórico, a um elevado nível de proficiência da L2 corresponde uma perda no sistema linguístico da L1 (ver Ferrari 2010: 45).

Na opinião de autores como Silva-Corvalán (1994: 6) e Seliger e Vago (1991: 6), trata-se de um sinal de proficiência reduzida ou de dificuldade de recuperação de elementos linguísticos.

Segundo a tripartição fornecida por Hamers e Blanc (2000: 259-260), a maioria dos exemplos pertence ao *code-switching* de tipo *extra-sentencial*, ou seja, a inserção de um elemento da L2 numa frase totalmente falada na L1. Observemos os exemplos da Tabela 6:

Tabela 6 – Exemplos de *Code-switching*

Exemplo N°	L2 – português	L1 – italiano
5.1	<i>Folhado</i>	“Rustico”
5.2	<i>Canto</i>	“Angolo”
5.3	<i>Desabafo</i>	“Sfogo”
5.4	<i>Trocadilho</i>	“Gioco di parole”
5.5	<i>Molho</i>	“Salsa”
5.6	<i>Barato</i>	“Economico”
5.7	<i>Lanche</i>	“Merenda”
5.8	<i>Nortada</i>	“Tramontana”
5.9	<i>Juros</i>	“Interessi”
5.10	<i>Miradouro</i>	“Belvedere”
5.11	<i>Desemprego</i>	“Disoccupazione”
5.12	<i>Conversa</i>	“Chiacchierata”
5.13	<i>A termo</i>	“A tempo determinato”
5.14	<i>Centro de Emprego</i>	“Ufficio di Collocamento”
5.15	<i>Roméia</i>	“Romania”
5.16	<i>Vinho tinto</i>	“Vino rosso”
5.17	<i>Os matrecos</i>	“Calcio Balilla”
5.18	<i>Quinta</i>	“Casa di campagna”
5.19	<i>Churrasco</i>	“Brace”
5.20	<i>Frigideira</i>	“Friggitrice”

Exemplo 5.1

SL – abbiamo fatto per l'ennesima volta “folhado”

TL – preparamos mais uma vez o *folhado*

Exemplo 5.2

SL – qui abbiamo il can...il “canto” lettura

TL – aqui temos o *canto* de leitura

Exemplo 5.3

SL – sono in un momento di - - così di - - “desabafo”

TL – estou a *desabafar*

Exemplo 5.4

SL – ogni parola fa - - il “trocadilho”

TL – a cada palavra faz um *trocadilho*

Exemplo 5.5

SL – ti mettono il “molho” da un'altra parte

TL – põem o *molho* à parte

Exemplo 5.6

SL – mangiare bene e “barato”

TL – comer bem e *barato*

Exemplo 5.7

SL – il mio “lanche” preferito

TL – o meu *lanche* preferito

Exemplo 5.8

SL – si beccava tutta la “nortada”

SL – apanhava muita *nortada*

Exemplo 5.9

SL – avrei diritto - - a un prestito a - - praticamente a “ju...juros...zero”

TL – teria direito a um empréstimo a *juros zero*

Exemplo 5.10

SL – voi conoscete quel “miradouro”

TL – conhecem aquele *miradouro*?

Exemplo 5.11

SL – ti sospendono il sussidio “de desemprego”

TL – suspendem o subsídio *de desemprego*

Exemplo 5.12

SL – XXX da - - da “conversa”, da “conversa”

TL – próprio para uma *conversa*

Exemplo 5.13

SL – mi hanno fatto il contratto “a termo”

TL – fizeram-me um contrato *a termo*

Exemplo 5.14

SL – sono andato al “Centro de Emprego”

TL – fui ao *Centro de Emprego*

Exemplo 5.15

SL – però la “Roménia” veramente - - credo che le possa superare tutte

TL – creio que a *Roménia* seja a pior

Exemplo 5.16

SL – bottiglia di vino “tinto”

TL – garrafa de vinho *tinto*

Exemplo 5.17

SL – ci siamo messi là con - - con “os matrecos”

TL – jogamos *aos matrecos*

Exemplo 5.18

SL – che lui è andato a prendere in una “quinta”

TL – que ele foi buscar a uma *quinta*

Exemplo 5.19

SL – ma perchè non fanno un: un: un “churrasco”

TL – porquê não fazem um *churrasco*?

Exemplo 5.20

SL – l'ò...l'ò...l'olio della “frigideira”

TL – o óleo da *frigideira*

É importante não confundir os exemplos fornecidos no caso dos empréstimos com os que dizem respeito ao *code-switching*, pois neste último caso o termo da L2 não foi moldado em concordância com a morfologia ou a fonologia do sistema linguístico da L1. Como se pode notar nestes exemplos, o termo da L2 substituiu o da L1, sem sofrer modificações.

Contudo, como no caso dos empréstimos, também no que diz respeito ao *code-switching* assistimos à inserção de palavras pertencentes à L2 na L1. Para alguns estudiosos, entre os quais Pavlenko (2004: 48), a introdução de elementos da L2 na L1 não deve ser sempre considerada um sinal de atrito, mas apenas quando existam elementos correspondentes na L1. Se tal não acontecer, trata-se de “enrichment of the bilingual’s linguistic and conceptual repertoire” (Pavlenko 2004: 48), ou seja, a introdução, no vocabulário do indivíduo, de um termo que lhe permita descrever com maior facilidade um determinado conceito.

Observando os exemplos apresentados e, com base nas palavras da autora, considere apenas o exemplo 5.6 um caso de enriquecimento do sistema linguístico-conceptual do falante. Embora o termo “barato” possua uma tradução direta em italiano – *economico* –, trata-se de um termo pouco utilizado. De acordo com o dicionário

bilingue Infopédia, a tradução do termo “barato” seria: *a buon mercato, a basso prezzo, a buon prezzo, non caro, economico*. O termo que, na nossa opinião, representa a tradução direta do termo “barato” ocupa apenas o quinto lugar.

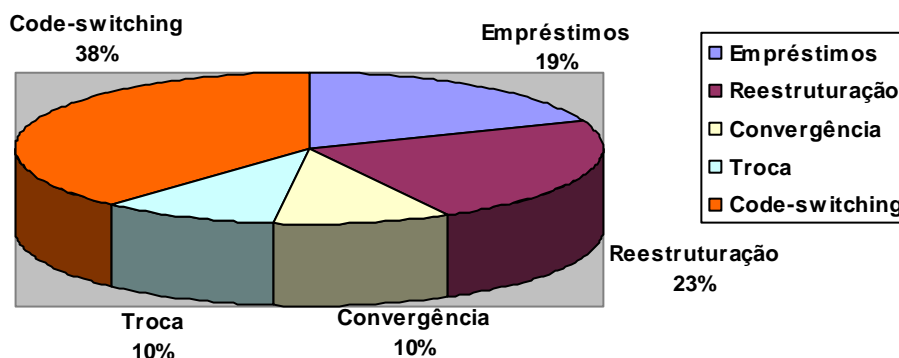
Em contrapartida, os restantes exemplos podem ser considerados casos claros de falta de acessibilidade aos termos da L1, o que se pode traduzir em estratégias utilizadas pelo bilingue para que o discurso se torne mais fluido. Porém, na nossa perspectiva e segundo Köpke (1999, referido por Capilla 2007: 97), o facto de o falante utilizar palavras da L2, constitui pelo menos um desvio da norma, na medida em que, antes de aprender esta L2, o falante utilizava frequentemente estas expressões.

3. BALANÇO GERAL DOS RESULTADOS

A análise dos exemplos apresentados testemunha a presença de sinais de atrito na L1 do falante em estudo, em conformidade com o objetivo deste trabalho.

Como se pode observar na Figura 1, se considerarmos o número total de desvios detetados, a maior parte destes foram do tipo *code-switching*.

Figura 1 – Balanço quantitativo



Afirma Cook que durante o *code-switching* ambos os sistemas linguísticos do falante são ativados ao mesmo tempo, ou seja, “One language is switched to another according to speech function, rules of discourse and syntactic properties of the sentence” (Cook 2001: 407). Tal fenómeno linguístico é uma clara manifestação do que Cook (2006: 4) designa por *multi-competence* e, na opinião de Pavlenko (2004: 48), corresponde a um enriquecimento do repertório linguístico e conceptual do falante bilingue.

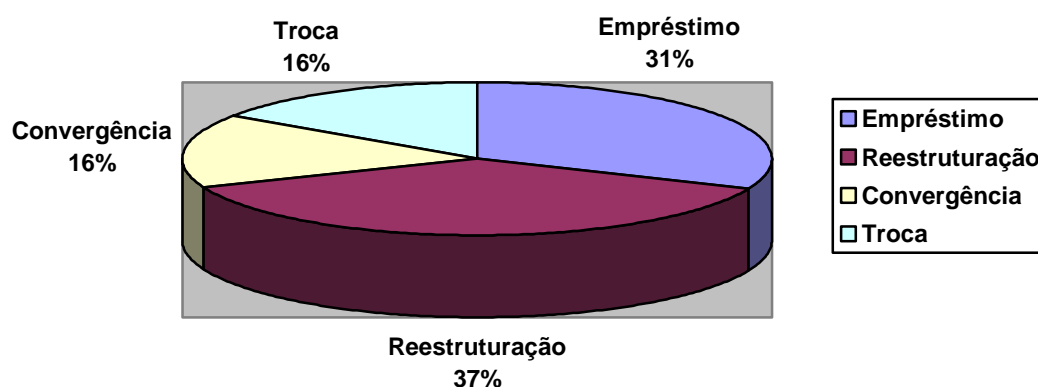
Como afirmado por Hamers e Blanc (2000: 266), o *code-switching* é uma estratégia utilizada frequentemente em conversas bilingues. Contudo, neste caso específico, estamos perante conversas espontâneas efetuadas na L1 do falante em questão, isto é, num contexto monolíngue. Por isso, o primeiro resultado deste breve balanço quantitativo dos dados aponta para um alto número de exemplos de *code-switching* que pode ser entendido como sinal de que há uma forte influência da L2 no sistema linguístico do falante. Tal pensamento é justificado pelo facto de a influência da L2 proporcionar uma inibição da L1 do sujeito (ver Paradis 2004: 28), favorecendo o uso frequente de *code-switching*. Na ótica de Pavlenko (2004: 48), o *code-switching* permite ao falante bilingue descrever um determinado conceito com um esforço inferior. Estamos então perante uma indisponibilidade temporária das informações pertencentes à L1, com conseqüente recurso, por parte do bilingue, ao sistema linguístico L2.

No que diz respeito ao balanço qualitativo dos dados recolhidos, se considerarmos apenas as categorias propostas por Pavlenko (2004: 47), o número total de sinais de atrito foi igual a 32, o que, tendo em conta as horas de gravação obtidas, corresponde em média a dois exemplos de atrito por hora.

Sempre com base no quadro proposto por Pavlenko (2004: 47), foi possível observar uma mudança do léxico e do seu significado. De facto, Seliger e Vago (1991: 7-8) sustêm que os sinais de atrito também são visíveis a nível semântico, mais vulnerável à influência de uma segunda língua do que outros aspetos da língua.

Como se pode observar na Figura 2, a **reestruturação** foi a categoria onde se verificaram mais exemplos de *Cross-Linguistic Influence* (CLI).

Figura 2 – Balanço qualitativo



Nesta categoria, encontram-se termos semelhantes nas duas línguas e que coincidem semanticamente em algumas aceções. Afirma Capilla (2007: 63) que, devido à proximidade entre a L1 e a L2 e à influência exercida por esta última, as palavras tornam-se equivalentes a nível semântico, prevalecendo o significado da L2.

A este respeito, Cook (2001: 6) explica como a influência da L2 pode afetar a visão do mundo do falante, que amplia ou restringe o significado de uma palavra até abranger o significado do termo na L2. Ora os resultados que se podem observar na Figura 2 confirmam as palavras destes dois autores. Hutz (2004: 199) afirma também que, devido à semelhança entre os significados das palavras das duas línguas, “this process of semantic transfer may even be accelerated creating a merged concept in the speaker’s mind” (Hutz: 2004: 199). Na opinião de Jaspaert e Kroon (1992: 144), pode entender-se como uma adaptação gradual do sistema conceptual do falante da L1 ao sistema da L2 dos falantes que o rodeiam, conferindo ainda mais importância à interferência exercida pela L2 do país de acolhimento.

III - DISCUSSÃO GERAL

Como já enunciado, este trabalho tem como objetivo ver até que ponto o atrito linguístico afetou a produção da L1 – o italiano – de um falante adulto, fluente em português e residente em Portugal. Juntamente com o objetivo foi lançada a hipótese de que o grau e tipo de atrito linguístico da L1 são motivados pelo contacto prolongado do falante com a língua falada no ambiente L2, com conseqüente possível afetação do seu sistema linguístico.

Para investigar este fenómeno foram portanto colocadas as seguintes questões:

- Quais são as condições para que o fenómeno do atrito linguístico da L1 se manifeste?
- Quais são as causas que proporcionam este fenómeno?
- Qual é o domínio linguístico mais afetado?

Nesta terceira parte do trabalho o autor procurará responder às questões acima referidas, utilizando os exemplos recolhidos e analisados na segunda parte e tendo como base o respetivo enquadramento teórico.

1. PRENÚNCIOS DE ATRITO

Segundo Köpke (2002: 1337) o atrito linguístico é um fenómeno não patológico, individual, intrageracional e pode afetar a competência e/ou o desempenho. Para que este fenómeno se manifeste é também fundamental que o sujeito em causa tenha atingido a maturidade linguística. Caso contrário, não se pode falar de atrito linguístico mas de aquisição incompleta (ver Gürel 2002: 114).

Para que o atrito linguístico da L1 se verifique, é essencial que exista um contexto de bilinguismo (Seliger e Vago 1991: 3) e conseqüentemente uma situação de contacto linguístico. Desta forma, é possível enquadrar o presente estudo no ponto dois da taxonomia de Van Els (1986: 4), que diz respeito à perda da L1 num ambiente L2, ou seja, numa situação de emigração. Como afirmado por Köpke (2004: 17), trata-se de um caso especial, pois é possível assistir ao contacto entre as duas línguas e em particular à influência exercida pela L2 do país de acolhimento na L1 do imigrante. O caso descrito neste estudo, afirma a autora, distingue-se então do fenómeno do atrito que se verifica nas comunidades linguísticas, porque estamos apenas perante um emigrante adulto de

primeira geração, saudável, falante nativo italiano, que se transferiu para um ambiente linguístico diferente, onde a L2 é o português.

Por isso, em resposta à primeira pergunta – *Quais são as condições para que o fenómeno do atrito linguístico da L1 se manifeste?* – pode atestar-se a existência de sinais de atrito da L1 no falante em questão, como atestam os exemplos recolhidos, uma vez que o sujeito em estudo reúne as características consideradas fundamentais para que ocorra o fenómeno do atrito linguístico. Os aspetos relativos à competência e ao desempenho serão analisados ao longo desta terceira parte.

2. CAUSAS INTERNAS OU EXTERNAS?

Nos capítulos anteriores foi referido que as principais causas de tipo linguístico que desencadeiam o atrito da L1 podem ser a falta de contacto da L1 (causas internas) e a influência da L2 (causas externas).

Para Köpke (2004: 17), as causas internas são devidas a uma completa falta de contacto com a L1. Esta, por sua vez, estaria na base de uma redução da proficiência do falante. De acordo com Schmid (2011: 47), as causas internas afetam principalmente os domínios fonológico e fonético, morfológico e sintático. Estas causas, na opinião de Seliger e Vago (1991: 7), dizem respeito ao carácter de simplificação das estruturas internas da língua (*simplification*). Segundo Köpke e Schmid (2004: 16), a simplificação da estrutura da língua pode observar-se ao longo das gerações de emigrantes, ou seja, nas comunidades linguísticas. Estudos de tipo intergeracional demonstram que existe uma mudança da língua ou até a criação de um dialeto ao longo dos anos devido ao atrito da L1 sofrido pelas várias gerações em meio L2. Estes fenómenos são conhecidos por *language shift*, *language death* ou *language change* (Köpke 2004: 3) e são definidos por Flores (2008: 7) como sendo “de cariz sociolinguístico”.

As causas externas são caracterizadas pelo mecanismo de transferência (*transfer*), ou seja, a passagem de elementos de um sistema linguístico para o outro, e afetam principalmente o domínio lexical (Seliger e Vago 1991: 7). Esta passagem só é possível através da influência que a L2 exerce no sistema linguístico L1, que, por sua vez, resulta do contacto linguístico. Portanto, a transferência só ocorre numa situação de bilinguismo.

Embora, de acordo com Schmid e Köpke (2009: 211), sejam necessárias ambas as causas, internas e externas, para que o fenómeno do atrito linguístico se concretize, sempre houve alguma discussão sobre quais seriam as causas mais influentes. Uma vez que as causas internas são a falta de contacto com a L1 e a consequente simplificação das estruturas internas da língua como, por exemplo, as construções sintáticas e os aspetos morfológicos, fonológicos e fonéticos, pudemos constatar que não são estas as condições reunidas no presente caso de estudo.

Utilizando as palavras de Köpke (2002: 1341), o sujeito em estudo pode ser considerado um emigrante “isolado”, pois não vive numa comunidade de emigrantes. Contudo, mantém relações de amizade com os italianos residentes no Porto, também eles emigrantes de primeira geração que não constituem uma comunidade de emigrantes. Por isso, para além de outros contatos com a L1, o sujeito deste estudo tem a possibilidade de se expressar na sua primeira língua com outros emigrantes “isolados” de primeira geração. Sendo assim, o *input* recebido, de acordo com as palavras de Köpke (2002: 1342), ainda será de boa qualidade, não se tendo ainda criado uma variedade linguística diferente da L1, que constitua uma fonte de influência para o sujeito em estudo. É portanto possível afirmar que, embora este falante sofra uma clara falta de *input* quotidiano da L1, em virtude de ter emigrado para um ambiente linguístico diferente, essa falta nem é total, nem estamos neste caso específico perante um caso de imigração em comunidade.

Assim, e em resposta à segunda pergunta – *Quais são as causas que proporcionaram este fenómeno?* –, o contacto do emigrante com a L2 do país de acolhimento, enquadrável nas causas externas, parece ter sido o fator que mais influenciou a produção dos desvios da norma padrão do italiano.

Esta hipótese é confirmada pelas palavras de Seliger e Vago (1991: 7), que adiantam que o atrito da L1 é mais acentuado nos falantes que alcançaram altos níveis de bilinguismo. Segundo Schmid e de Bot (2004: 212), quando se atingem determinados níveis de proficiência na L2, a L1 do falante começa a mostrar carências.

Os exemplos apresentados indiciam que o contacto linguístico entre L1 e L2 desencadeia processos de interferência linguística, confirmando o que Sharwood-Smith (1989: 185) defende na sua hipótese da *Cross-Linguistic Influence*. Estes processos influenciaram a L1 do falante, como demonstrado com os exemplos transcritos. Os

elementos da L1 foram moldados em analogia com os da L2, processo favorecido pelo fenómeno da transferência (Odlin 1989: 6-7).

Na categoria relativa aos **empréstimos**, essa influência é muito evidente como se pode observar nos exemplos 1.6 e 1.7 (Tabela 2):

Exemplo 1.6

SL – e questi sono i “caloiri”

TL – e estes são os *caloiros*?

Exemplo 1.7

SL – stavamo facendo un'analisi stilistica di queste “claraboie”

TL – estávamos a fazer uma análise estilística destas *clarabóias*

Os termos provenientes da L2 foram incluídos e adaptados de acordo com o sistema linguístico da L1. Nestes casos, observamos que, ao radical dos termos da L2, foi acrescentada a flexão do plural do italiano, manifestando toda a flexibilidade dos itens lexicais (ver Schmid e Köpke 2009: 212).

O fenómeno da transferência é favorecido, de acordo com Sharwood-Smith (1989: 194), Hammarberg (2001: 22) e Köpke (2001: 366), pelo grau de semelhança entre a L1 e a L2.

As línguas deste estudo – o português e o italiano – são ambas línguas românicas, caracterizadas por um alto nível de semelhança. Tal carácter manifesta-se nos exemplos apresentados, onde os desvios da norma produzidos são, segundo Odlin (1989: 36), o resultado da transferência negativa e são designados, de acordo com Weinreich (1953: 17), por interferências. A influência do português parece ser determinante para que estes desvios se manifestem na L1 do falante, o italiano.

Na opinião de Schmid (2011: 38), o bilingue possui uma enorme quantidade de itens que, dependendo das línguas, são mais ou menos semelhantes. No momento da recuperação das informações, as línguas que têm um maior grau de semelhança entram em conflito na mente do bilingue. É evidente que a proximidade entre estas duas línguas é fundamental para que ocorram os desvios e é uma característica comum a todos os exemplos apresentados nas categorias fornecidas por Pavlenko (2004: 47).

O forte caráter de semelhança que existe entre estas duas línguas origina também fenômenos como o da **troca** (Pavlenko 2004: 47). Trata-se de uma verdadeira troca direta de elementos da L2 na L1, ou seja, uma tradução literal como se pode observar no exemplo 4.5 (Tabela 5):

Exemplo 4.5

SL – l'ultimo mese e mezzo che ha dovuto dare “di casa” le hanno levato tutto - la segretaria - computer ---

TL – no último mês e meio de casa tiraram-lhe a secretária, o computador...

Neste exemplo, o falante apropria-se de uma expressão coloquial portuguesa “de casa” que indica o período de permanência de um trabalhador na mesma empresa. Tal é possível graças a uma forte semelhança entre os termos das duas línguas. Neste caso a tradução é feita de forma mecânica, sem ter em atenção o significado da frase, encaixando as palavras da L1 numa estrutura da L2.

A influência da L2 pode afetar o léxico e o seu significado (Cook 2001: 407). No que diz respeito à aprendizagem de uma segunda língua, o autor afirma que “A L2 is not just adding rooms to your house by building on an extension at the back: it is rebuilding all the internal walls” (Cook 2001: 407). Consequentemente “the L2 user has acquired another perspective, another set of views on the world” (Cook 2000: 7). O mesmo autor afirma que as línguas do bilingue têm uma ligação forte a nível léxico-semântico e tal é devido ao que Cook (2006: 4) define por multicompetência, ou seja a presença de duas ou mais línguas na mente do bilingue. Cook (2001: 6) explica então que “[t]he L2 meanings do not exist separately from the L1 meanings in the learner's mind” e é provavelmente desta forma que os sistemas interagem entre si ocasionando o maior número de desvios.

As palavras de Cook (2001: 6) encontram correspondência nas de Seliger e Vago (1991: 7-8), quando afirmam que os efeitos das causas externas são visíveis no domínio léxico-semântico, mais vulnerável à influência de uma segunda língua. Tal é confirmado pelos exemplos apresentados nas categorias da **reestruturação** (Tabela 3) e da **convergência** (Tabela 4), mais ligadas ao aspeto semântico dos itens lexicais, como se pode observar nos exemplos a seguir:

Exemplo 2.1

SL – é successo di portare in giro delle “funzionarie” dei negozi

TL – foi preciso acompanhar as *funcionárias* das lojas

Exemplo 3.1

SL – hanno messo il “cilindro”

TL – instalaram o *cilindro*

No primeiro exemplo – **reestruturação** – assistimos a uma extensão do significado da palavra “funzionarie” para a de IMPIEGATE. No segundo exemplo – **convergência** – foi atribuído à palavra “cilindro” um significado completamente diferente do italiano.

Os termos com várias aceções favorecem a **reestruturação**, categoria proposta por Pavlenko (2004: 47), onde observamos o maior número de desvios. Para além disso, o problema de utilização do termo com o sentido correto é ampliado pelo contacto entre as línguas, que proporciona uma alteração das fronteiras estabelecidas pelo significado das palavras através de uma extensão ou de uma redução do significado (Schmid 2011: 27), com uma gradual adaptação do conceito da L1 ao da L2.

Por fim, Cook (2001: 06) afirma que a influência que a L2 exerce na L1 não deve ter uma conotação nem positiva nem negativa. Simplesmente, devemos ter em consideração que o falante bilingue possui uma competência linguística diferente da do monolíngue.

É portanto possível concluir que, embora pareça claro que sejam necessárias ambas as causas, internas e externas, para que o atrito linguístico atinja níveis significativos, as causas externas parecem manifestar-se em primeiro lugar e parecem ter um peso maior do que as internas.

2.1 Influência das causas extralinguísticas

Como afirmado ao longo do presente trabalho, a influência da L2 e a falta de contacto da L1 são chamadas “causas linguísticas”. Estas não são as únicas causas que motivarão a ocorrência do atrito linguístico da L1. Existem também *background factors* (Schmid 2011: 70) relacionados com a pessoa e não diretamente ligados aos aspetos da língua em si. De acordo com Weinreich (1953: 21), estes fatores proporcionam o

contacto entre a língua e o mundo exterior e são denominados “causas extralinguísticas”. Estas causas – idade, contacto, literacia, duração da emigração e atitude – merecem algumas observações.

Em relação à idade, estamos perante um bilingue tardio, que entrou em contacto com a L2, o português, com 25 anos de idade, ultrapassando a idade limite de 13 anos proposta por Lenneberg (1967: 209) na sua Hipótese do Período Crítico para a L1. Assim, o sistema da L1 do indivíduo já se encontrava formado no momento da aprendizagem desta L2.

No que diz respeito ao tempo da emigração, os efeitos do atrito linguístico manifestam-se com maior intensidade entre os cinco e os dez anos após a emigração (Schmid 2011: 79). O sujeito deste estudo está prestes a iniciar o seu quinto ano em Portugal, encontrando-se a meio deste período descrito pelos autores. Seria por isso interessante observar o seu desempenho verbal até ao final do período referido.

Considero que o nível de proficiência alcançado pelo sujeito deste estudo, em apenas 4 anos e meio de residência em Portugal, é muito elevado, o que confirma as teorias propostas por McLaughlin (1992: 3), em que não é necessário aprender uma língua desde criança para alcançar níveis de proficiência nativos. A este propósito é importante também perceber a atitude do falante. Trata-se, para Köpke e Schmid (2004: 12), de um fator extralinguístico fundamental. O sujeito deste estudo nunca escondeu a sua vontade de querer permanecer em Portugal. Por isso, em conformidade com os estudos conduzidos por Schmid (2002) e Köpke (2000), a vontade de um indivíduo não voltar para o país de origem aproxima-o da L2 e pode criar as condições propícias a um esquecimento mais rápido da L1.

Em contrapartida, o indivíduo mantém relações de amizade com italianos residentes na cidade do Porto, encontrando-se com eles semanalmente e falando com eles em italiano. Este ulterior fator extralinguístico, o contacto, favorece a manutenção da sua L1. Em casa, no seu dia-a-dia, a língua italiana é frequentemente utilizada. Para além disso, a manutenção da língua materna é feita através do contacto (via telefone e *email*) com a família e amigos italianos, através da leitura de jornais italianos, de *sites internet* e de livros de autores italianos. Todos estes hábitos farão com que o sujeito deste estudo não atinja níveis mais elevados de atrito, uma vez que recebe constantemente *input* da L1.

Quer isto dizer que estamos perante o conceito de “*practice*” fornecido por Seliger, que afirma que a prática é fundamental para a preservação de uma língua (Seliger 1977: 263-264). Proporcionar um contacto frequente com a própria L1 corresponde ao que o autor chama de “*potential practice opportunities*” (Seliger 1977: 269). Ou seja, a um maior número de interações corresponde uma maior prática.

O conceito de prática, com a consequente estimulação e uso da própria L1, está ligado a uma outra causa extralinguística, a literacia. O simples *input* proveniente pela consulta de material escrito em L1 é, de acordo com Köpke (2004: 14), fonte suficiente para que um bilingue tardio mantenha a própria L1 treinada. Este *input* serve, retomando as palavras de Flores (2008: 21) de “evidência confirmativa”, ajudando o falante a estabelecer uma distância com a língua dominante, neste caso a L2.

Contudo, o contacto com a L2 continua forte, pois o sujeito vive num ambiente L2 e por isso utiliza esta língua durante todo o dia de trabalho e no dia-a-dia fora de casa.

2.2 Efeitos na competência e no desempenho

Tendo em conta os elementos apresentados até aqui, seria interessante perceber se, no que diz respeito aos conceitos de *competence* e *performance* – citados no princípio da terceira parte do trabalho – fornecidos por Sharwood-Smith e Van Buren (1991: 18), a competência do falante em causa já foi afetada ou se os erros detetados deverão ser atribuídos a um problema de desempenho². Por outras palavras, seria interessante perceber se, no caso deste falante, estamos perante uma perda efetiva que, como afirmado por Flores (2008: 15), afeta o conhecimento do falante, com consequente reestruturação do sistema linguístico, ou se estamos perante um problema de acesso à informação, que se manifesta principalmente na dificuldade de recuperação lexical e na transferência de elementos pertencentes à língua dominante para a língua em atrito (ver Flores 2008: 16).

Não foram encontrados, durante as gravações, erros relativos às estruturas mais profundas da língua, como por exemplo erros nas construções sintáticas, que se repercutiriam na alteração da competência do falante.

² O desempenho relaciona-se com a habilidade, por parte do falante, de utilizar o seu conhecimento, ou seja, com o que Ellis (1994: 720) chama proficiência.

Foi contudo detetada a repetição de alguns erros que apontam para uma mudança mais profunda. Como podemos observar nos exemplos 1.2.1, 1.2.2 e 1.2.3 (Tabela 2), o termo “splanata” foi repetido três vezes. Já o termo “valore” foi proferido cinco vezes (Tabela 3, exemplos 2.5.1, 2.5.2, 2.5.3, 2.5.4 e 2.5.5). O termo “marginale” surge duas vezes (Tabela 3, exemplos 2.6.1 e 2.6.2) e por fim, o termo “elettrico” é repetido duas vezes (Tabela 4, exemplos 3.2.1 e 3.2.2).

Observamos portanto um problema continuado de recuperação com conseqüente repetição dos mesmos desvios, o que poderá, segundo Capilla (2007: 111), levar a uma hipotética reestruturação da competência.

Na opinião de Weinreich (1953: 17), a introdução de um elemento estrangeiro numa língua implica uma “reorganização”. Afirma Capilla (2007: 110) que, devido a uma forte influência da L2, as diferenças entre a L1 e a L2 tornam-se mais subtis e as línguas aproximam-se. Daí resulta, segundo a autora, um léxico mais económico, o que implica um menor esforço por parte do falante, ou seja, uma simplificação do léxico do sujeito deste estudo. As repetições detetadas poderão levar a sugerir que se encontra em processo uma mudança no sistema linguístico deste falante. Todavia não podemos descartar a hipótese de os desvios da norma poderem dever-se a um problema de desempenho temporário. Este último aspeto, juntamente com a noção de inacessibilidade temporária, remetem para a *Activation Threshold Hypothesis*, segundo a qual um acesso mais rápido a um elemento linguístico se deve ao seu uso frequente e recente (Paradis 2004: 28).

Estes dois últimos conceitos – *frequency e recency* – podem ser observados no exemplo 3.3 (Tabela 4):

Exemplo 3.3

SL – le hanno levato tutto - la “segretaria” - computer, - - -

TL – tiraram-lhe a secretária, o computador...

Este exemplo mostra como o uso diário de um termo como *secretária* pode influenciar o falante. No dia-a-dia de um escritório este termo é frequentemente utilizado, o que faz com que o limiar do termo italiano SCRIVANIA, mais distante em termos de semelhança se comparado com “segretaria”, se eleve, proporcionando um obstáculo para a recuperação do termo.

Paradis (2004: 28) afirma ainda que não se trata de uma perda permanente do elemento linguístico, mas apenas de uma indisponibilidade momentânea. A utilização da L2 no dia-a-dia inibe, segundo o mesmo autor, o sistema linguístico da L1, dificultando essencialmente o acesso aos itens lexicais (Paradis 2004: 28).

2.3 Observações relativas ao *code-switching*

Devido ao uso frequente da L2, a recuperação de termos da L1 em contexto de bilinguismo, pode implicar maior esforço. O *code-switching* é uma estratégia linguística que permite ao falante bilingue uma recuperação lexical através de um menor esforço.

Na Tabela 6 foram listados todos os casos de *code-switching* detetados durante as gravações. Em média, nas 18 horas de gravação, este fenómeno ocorreu 1 vez por hora. Estes resultados mostram que, como refere Ferrari (2010: 45), um aumento da proficiência na L2 tem repercussões na L1.

O sujeito deste estudo utilizou frequentemente esta estratégia linguística e tal foi favorecido pelo grau de informalidade das conversas espontâneas gravadas, em que os interlocutores dominavam ambas as línguas. De facto, de acordo com Ferrari (2010: 45), esta estratégia é utilizada pelo bilingue em contextos que lhe permitam o uso de um sistema linguístico alargado, ou seja, multilingue.

A quase totalidade dos casos de *code-switching* apresentados resultaram, em nosso entender e em concordância com Silva-Corvalán (1994: 6) e Matras (2009: 101) de uma indisponibilidade temporária a nível da memória do bilingue, o qual demonstrou dificuldades em recuperar os elementos linguísticos que lhe correspondem na L1.

Por isso, como afirmam também Seliger e Vago (1991: 6), o *code-switching* representa um precursor do atrito linguístico, devido às dificuldades de recuperação e talvez, em casos mais avançados, ao que Olshtain e Barzilay (1991: 140) definem por perda de riqueza lexical.

3. O ATRITO NO DOMÍNIO LEXICAL

Em resposta à terceira pergunta – *Qual é o domínio linguístico mais afetado?* –, de acordo com o que foi dito até agora e com base nos exemplos recolhidos, o domínio lexical foi o mais afetado.

Detetaram-se sinais de atrito apenas neste domínio linguístico, provavelmente devido a uma manutenção ainda forte das estruturas mais profundas do sistema

linguístico do falante. As razões para tal podem ser múltiplas. Estamos perante um indivíduo adulto, emigrante de primeira geração, não inserido numa comunidade de emigrantes, que consegue, apesar de tudo, manter um contacto quase constante com a própria L1.

De acordo com Schmid e Köpke (2009: 211), o léxico consta de um número de elementos muito superior quando confrontado com outros domínios linguísticos. Afirmam as autoras que os elementos lexicais são mais independentes e flexíveis, deixando espaço a fenómenos como a mudança, a perda ou a interferência (ver Schmid e Köpke 2009: 212). Para além disso, o léxico, como referido anteriormente, constitui uma classe aberta que pode ser enriquecida com novos elementos. Tal facto facilita a passagem de elementos de uma língua para a outra, ou seja, favorece a transferência. Para Schmid (2002: 33), os processos de transferência lexical são tidos como fenómenos de superfície que, segundo Flores (2008: 24), não demonstram a perda ou redução do léxico do falante. De facto, segundo a mesma autora, os exemplos de interferência na produção oral do falante não devem ser necessariamente considerados sinal de fusão dos dois sistemas linguísticos. Estes podem dever-se antes a problemas ligados com o controlo e ativação do sistema linguístico durante a fala (Flores 2008: 20).

Como o sujeito deste estudo perdeu aparentemente apenas elementos lexicais, podemos pensar também em termos de memória declarativa. Para Paradis (2004: 9), trata-se da memória utilizada de forma explícita e relacionada com o conhecimento enciclopédico do indivíduo. Portanto, sendo esta a memória ligada à aprendizagem de novas palavras e ao aumento do léxico, e sendo este último constituído por uma classe que permite incluir novos elementos, parece evidente que o léxico poderá ser o domínio linguístico mais afetado num primeiro momento. Deste modo, através da influência da L2 ocorre uma inibição do sistema linguístico do falante que se manifesta numa falta de capacidade em aceder à L1 e consequentemente num problema de desempenho. De facto, os exemplos recolhidos, se comparados com as horas de gravação, mostram que o nível de atrito da L1 está longe de atingir níveis dignos de nota.

Por fim, embora nas produções orais estudadas se verifiquem alguns sinais de atrito da L1, isso não implica que estes correspondam a “problemas” de competência. Por isso não podemos falar, neste caso, de um estado de atrito avançado, mas provavelmente de um estado de atrito inicial em curso.

CONCLUSÃO

Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo estudar a presença do atrito da L1 de um emigrante adulto de primeira geração. Foi possível verificar, através das conversas espontâneas gravadas, que este fenômeno já existe em parte. Foi igualmente possível comprovar a hipótese tendo-se demonstrado que os mecanismos do atrito e os consequentes desvios da norma foram ocasionados pelo contacto prolongado da L1 do falante, o italiano, e a L2 do país de acolhimento, o português.

A proximidade entre estas duas línguas românicas, o que Hammarberg (2001: 22) define *tipological similarity*, parece ter sido uma das causas principais dos desvios da norma detetados. Esta característica proporcionou a passagem de elementos lexicais de uma língua para a outra, demonstrando que, neste caso específico, a principal causa do atrito da L1 é a forte influência exercida pela L2 no sistema linguístico deste falante.

Ao longo do trabalho foi também possível observar uma série de fatores extralinguísticos que não podem ser omitidos nestes tipos de estudos como por exemplo, a *idade* e o *tempo de emigração*, o *contacto* com os falantes da própria L1 e a *atitude* do falante que, em determinadas circunstâncias, influenciam o processo de atrito da primeira língua.

O domínio lexical mereceu especial atenção por ter sido terreno muito fértil, onde o indivíduo demonstrou mais alterações em virtude das principais características deste domínio.

Através dos exemplos recolhidos e analisados durante este estudo de caso, é possível afirmar que os desvios dizem respeito a problemas de desempenho e que o nível de atrito neste indivíduo não é ainda acentuado. É portanto cedo para falar de uma reestruturação ou de uma simplificação do sistema linguístico do falante. Contudo, não obstante o reduzido tamanho da amostra, foi possível verificar que existem prenúncios do que poderá vir a ser um processo de atrito que afete não só a proficiência do falante mas também o seu conhecimento, com uma possível alteração dos aspetos mais formais da língua.

O atrito sofrido a nível lexical representa por isso apenas a ponta do *iceberg* e, com o tempo, é provável que ocorra uma reorganização do sistema linguístico do sujeito. Como os efeitos mais significativos do atrito linguístico na L1 se manifestam principalmente nos primeiros dez anos de permanência no ambiente linguístico L2

(Schmid e de Bot (2004: 220) e Schmid 2011: 79), tal permite-nos perceber que o atrito linguístico se desenvolve ao longo dos anos e que, neste trabalho, apenas é visível o estado atual deste fenómeno num indivíduo definido e com uma história própria.

Limitações do estudo e sugestões de investigação futura

Durante as pesquisas efetuadas para este trabalho não foram encontrados estudos sobre o atrito linguístico entre o português e o italiano, facto que poderá conferir ao presente estudo um carácter inovador.

Não obstante terem sido encontradas respostas às perguntas colocadas e ao objetivo proposto e ter sido, em certa medida, comprovada a hipótese lançada, é importante mencionar que se trata de um falante específico e que portanto o tamanho reduzido da amostra utilizada não deixa espaço a generalizações. Tal facto representa talvez a maior limitação deste estudo. A falta de um acompanhamento regular do sujeito deste estudo pode constituir uma outra limitação deste trabalho. Idealmente, teria sido melhor ter efetuado uma avaliação durante um período mais extenso ou hipoteticamente desde que o sujeito começou a sua experiência no novo ambiente linguístico até ao momento presente. Contudo, os resultados obtidos até agora poderão constituir um ponto de partida válido para investigações futuras. Seria interessante prosseguir o estudo do atrito linguístico da L1 neste falante e proceder a uma comparação entre os níveis de atrito agora observados no seu domínio lexical e os que se poderão vir a manifestar no futuro, para assim avaliar a velocidade de atrito da sua L1 e também observar se este fenómeno continua a progredir ou se já atingiu o seu nível máximo e estagnou. Ao mesmo tempo, seria interessante perceber de que forma domínios linguísticos como o sintático, o morfológico e o fonológico são afetados pelos mecanismos do atrito linguístico ou se permanecem inalterados, como demonstrado pela completa ausência de exemplos relativos a estes aspetos mais formais da língua neste estudo. A nossa amostra não permite assim uma abordagem que ultrapasse a análise baseada na tipologia utilizada por Pavlenko (2004). O facto de ter seguido uma tipologia de “atritos” que não inclui outros domínios linguísticos representará uma limitação em termos de um estudo mais abrangente do atrito linguístico que poderá ocorrer noutros tipos de amostras.

Por último, através deste estudo sobre o atrito linguístico, foi possível perceber quanto a língua é dinâmica e como tanto se pode aprender uma língua como perdê-la.

BIBLIOGRAFIA

Arabski, J. 2007. General trends in language transfer studies. In: J. Arabski (Ed.). *Challenging tasks for psycholinguistics in the new century*. 11-21. University of Silesia, Katowice: Oficyna Wydawnicza.

Bizzoni, F. 2003. Una aplicación del modelo del marco de la lengua matriz al habla de italianos de primera generación en México. *Estudios de Lingüística Aplicada*. 21(37): 71-97. Universidad Nacional Autónoma de México, Distrito Federal, México.

Bylund, E. 2009. Maturational Constraints and First Language Attrition. *Language Learning*. 59(3): 697-715. Stockholm University.

Capilla, M. C. 2007. *Espanhol e Português em Contato: O Atrito da L1 de Imigrantes Espanhóis no Brasil*. Dissertação de Pós-Graduação, Universidade de Brasília. Disponível na web em:
http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/3274/1/2007_MariaCarolinaCalvoCapilla. PDF, acessado em 06/09/2011.

Chomsky, N. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.

Conselho da Europa. 2001. *Quadro europeu comum de referência para as línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação*. Coleção: Perspectivas Actuais/Educação. Direcção de: José Matias Alves. Coordenação de Edição: Ministério da Educação/GAERI. Tradução: Maria Joana Pimentel do Rosário, Nuno Verdial Soares. Revisão Técnica: Margarita Correia. Porto: Edições Asa.

Cook, V. 2000. Is Transfer the right word? *Talk to Budapest Pragmatic Symposium*. 1-8. Disponível na web em
<http://homepage.ntlworld.com/vivian.c/Writings/Papers/Transfer2000.htm>,
acessado em 29/05/2012.

Cook, V. 2001. *Using the first language in the classroom*. Canadian Modern Language Review. 57(3): 402-423. Disponível na web em <http://homepage.ntlworld.com/vivian.c/Writings/Papers/L1inClass.htm>,
acedido em 29/05/2012.

Cook, V. 2006. *Interlanguage, Multicompetence and the problem of the 'Second' Language*. University of Newcastle upon Tyne. 1-14. Disponível na web em <http://homepage.ntlworld.com/vivian.c/Writings/Papers/ILMC&L2.htm>,
acedido em 18/03/2011.

Corder, S. P. 1978. Language-Learner Language. In: J. Richards (Ed.). *Understanding second and foreign language learning*. 71-93. Rowley, MA: Newbury House Publishers.

Council of Europe. 2007. *From linguistic diversity to plurilingual education: guide for the development of language education policies in Europe*. Disponível na web em http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Guide_niveau_2_EN.asp,
acedido em 20/03/2012. Referido no documento European Commission (2009: 3 de 23).

de Bot, K.; Clyne, M. 1989. Language reversion revisited. *Studies in Second Language Acquisition*. 11: 167-177. Referido por Gürel (2002: 111).

de Bot, K. 2001. Language use as an interface between sociolinguistic and psycholinguistic processes in language attrition and language shift. In: J. Klatter-Folmer, P. Van Avermaet (Eds.). *Theories of maintenance and loss of minority languages. Towards a more integrated explanatory framework*. Münster: Waxmann, 35-82. Disponível na web em <http://webs.uvigo.es/ssl/actas2002/06/06.%20Barbara%20Kopke.pdf>,
acedido em 15/09/2011. Referido por Köpke (2002: 1334).

Ehrensberger-Dow, M.; Ricketts, C. 2010. Language attrition: Measuring how 'wobbly' people become in their L1. In: E. Galliker, A. Kleinert (Eds.). *Sprachenlernen*

Konkret! Angewandte Linguistik und Sprachvermittlung. 9: 1-20. Baltmannsweiler: Schneider Verlag Hohengehren.

Ellis, R. 1994. *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.

European Commission 2009. *Study on the contribution of multilingualism to creativity. Compendium Part One. Multilingualism and creativity: toward an evidence-base*. Public Services Contact n.º EACEA/2007/3995/2. 16 July 2009. Brussels: Europublic sca/cva.23p. Disponível na web em http://eacea.ec.europa.eu/llp/studies/documents/study_on_the_contribution_of_multilingualism_to_creativity/compendium_part_1en.pdf, acessado em 07/02/2012.

Fase, W. ; Jaspaert, K.; Kroon, S. 1992. *Maintenance and Loss of Minority Languages*. Amsterdam: John Benjamins.

Ferrari, L. 2010. *A erosão linguística de italianos cultos em contato com o português brasileiro: aspectos do sistema pronominal*. Dissertação de Pós-Graduação, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte. Disponível na web em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/DAJR-8GJPYK/1/1359m.pdf>, acessado em 06/09/2011.

Flege, J. 1999. Age of Learning and Second-language Speech. In: D. Birdsong (Ed.). *Second Language Acquisition and the Critical Period Hypothesis*. 101-132. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.

Flores, C. 2007. Language Attrition: uma sinopse das principais questões de investigação. *Diacrítica*. 21(1): 107-126. Universidade do Minho. Disponível na web em http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica_21-1.pdf, acessado em 15/09/2011.

Flores, C. 2008. *A competência Sintáctica de Falantes Bilingues Luso-Alemães Regressados a Portugal. Um Estudo sobre Erosão Linguística*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho. Disponível na web em

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8582/1/Tese%20Doutoramento%20Cristina%20Flores.pdf>, acessado em 22/10/2011.

Flores, C. 2010. The effect of age on language attrition: Evidence from bilingual returnees. *Bilingualism: Language and Cognition*. 13(4): 533-546. Cambridge University Press 2010.

Foth, R.; Dewaele. J-M. 2002. The computational model of L2 acquisition and its implications for second language instruction. *Marges linguistiques*. 4: 175-187. M.L.M.S. éditeur.

Grosjean, F. 1982. *Life with Two Languages. An Introduction to Bilingualism*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. Disponível na web em: http://books.google.pt/books?id=VqGpxZ9pDRgC&pg=PR11&dq=Grosjean+%281982:+145+Life+with+Two+Languages.+An+Introduction+to+Bilingualism&hl=it&sa=X&ei=muOKT5DAGoy3hAffqunnCQ&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false, acessado em 22/03/2011.

Grosjean, F. 1992. Another view of bilingualism. In: R. J. Harris (Ed.). *Cognitive processing in bilinguals*. *Adance in Psychology*. 83: 51-62. Amsterdam, London, New York, Tokyo: North-Holland, Elsevier Science Publishers B. V.

Grosjean, F. 1996. Living With Two Languages And Two Cultures. In: I. Parasnis (Ed.). *Cultural and Language Diversity and the Deaf Experience*. 20-37. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. Disponível na web em: <http://www.signwriting.org/forums/swlist/archive2/message/6760/Chapter.rtf>, acessado em 29/04/2012.

Gürel, A. 2002. *Linguistic Characteristics of Second Language Acquisition and First Language Attrition: Turkish Overt versus Null Pronouns*. Tese de Doutoramento, McGill University, Montréal. Disponível na web em http://digitool.library.mcgill.ca/view/action/singleViewer.do?dvs=1341827929151~259&locale=it_IT&show_metadata=false&VIEWER_URL=/view/action/singleViewer.do

&DELIVERY_RULE_ID=6&adjacency=N&application=DIGITool-3&frameId=1&usePid1=true&usePid2=true, acedido em 22/10/2011.

Gürel, A. 2004. Selectivity in L2-induced L1 attrition: a psycholinguistic account. *Journal of Neurolinguistics*. 17: 53–78. Disponível na web em <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S091160440300054X>, acedido em 15/09/2011.

Hamers, J. F.; Blanc, M. H. 2000. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press. Disponível na web em: <http://books.google.pt/books?id=ata9lBT5euwC&pg=PA260&dq=intrasentential+code-switching+hamers+blanc&hl=it&sa=X&ei=OuaKT7urMce3hAed1aTkCQ&ved=0CCsQ6AEwAA#v=onepage&q=intrasentential%20code-switching%20hamers%20blanc&f=false>, acedido em 25/02/2011.

Hammarberg, B. 2001. Roles of L1 and L2 in L3 production and acquisition. In: J. Cenoz, B. Hufeisen, U. Jessner (Eds.). *Cross-linguistic influence in third language acquisition: psycholinguistic perspectives*. 21-41. Clevedon: Multilingual Matters Ltd.

Hutz, M. 2004. Is there a natural process of decay? A longitudinal study of language attrition. In: M. Schmid, B. Köpcke, M. Keijzer, L. Weilemar (Eds.). *First language attrition: interdisciplinary perspectives on methodological issues*. 189-206. Amsterdam: John Benjamins. Disponível na web em http://books.google.pt/books?id=zaNKFDuCmC0C&printsec=frontcover&dq=First+language+attrition:+interdisciplinary+perspectives+on+methodological&hl=it&sa=X&ei=ji54T4C_MIaK8gPLw4y9DQ&redir_esc=y#v=onepage&q=First%20language%20attrition%3A%20interdisciplinary%20perspectives%20on%20methodological&f=false, acedido em 11/06/2012.

Jaspaert, K.; Kroon, S. 1989. Social determinants of language loss. *Review of Applied Linguistics (I.T.L.)*. 83/84: 75-98. Disponível na web em <http://arno.uvt.nl/show.cgi?fid=30384>, acedido em 22/10/2011.

Jaspaert, K.; Kroon, S. 1992. From the Typewriter of A. L.: A Case Study in Language Loss. In: W. Fase, K. Jaspaert, S. Kroon (Eds.). *Maintenance and Loss of Minority Languages*. 137-148. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. Disponível na web em <http://books.google.pt/books?id=JTNxqRVicVAC&printsec=frontcover&dq=jaspaert+%26+kroon+1992&hl=pt-PT&sa=X&ei=ZbbVT4T8HefB0gXR05WIBA&ved=0CDgQ6AEwAA#v=onepage&q=jaspaert%20%26%20kroon%201992&f=false>, acessado em 11/6/2012.

Jesus, D. M. A. 2010. *Produção e Reconhecimento de Substantivos Abstractos Deadjectivais em Português L2*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Disponível na web em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15191/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20mestrado_D%C3%A1lia%20Jesus.pdf, acessado em 13/03/2012.

Köpke, B. 1999. *L'Attrition de la Première Langue chez le Bilingue Tardif: implications pour l'étude psycholinguistique du bilinguisme*. Dissertação de Doutoramento, Université de Toulouse-Le Mirail. Referido por Capilla (2007: 39).

Köpke, B. 2000. Effet du pays d'accueil sur le maintien de la langue. Le cas des immigrés d'origine allemande. *Education et Sociétés Plurilingues*. 9: 59-65. Disponível na web em https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:B5e6p-yGBh0J:www.cebip.com/download.asp?file%3D/elementi/www/esp009_8_kopke.pdf+&hl=pt-PT&gl=pt&pid=bl&srcid=ADGEEShLOFmdvIzZzAq7w2Dyd0c8P28jdqtKykYH7NLpmemWt4uR9hXfAUexzJjQNJ_yP5EtEdhpxJWZgs-ZvOMBde47zIpIN7ETUDVihX2NcOr6AQaaEqrmNeC36jLD1Tj2USd-bzTzc&sig=AHIEtbQRk7WSJ2oCwizolvN2YVpX2OV06g&pli=1, acessado em 14/04/2011.

Köpke, B. 2001. Quels changements linguistiques dans l'attrition de la L1 chez le bilingue tardif? *Revue Tranel (Travaux neuchâtois de linguistique)*. 34/35: 355-368. Université de Toulouse-Le Mirail. Disponível na web em http://doc.rero.ch/lm.php?url=1000,43,4,20100622092818-UK/24_Kopke.pdf, acedido em 16/03/2012.

Köpke, B. 2002. Attrition is not a unitary phenomenon. On different possible outcomes of language contact situations. *II Simposio Internacional Bilingüismo*. 1331-1347. Université Toulouse-Le Mirail. Disponível na web em <http://webs.uvigo.es/ssl/actas2002/06/06.%20Barbara%20Kopke.pdf>, acedido em 15/09/2011.

Köpke, B. 2004. Neurolinguistic aspects of attrition. *Journal of Neurolinguistics*. 17: 3-30. Disponível na web em <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0911604403000514>, acedido em 15/09/2011.

Köpke, B.; Schmid, M. 2004. Language attrition: Next Phase. In: M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer, L. Weilemar (Eds.). *First language attrition: interdisciplinary perspectives on methodological issues*. 1-47. Amsterdam: John Benjamins. Disponível na web em http://books.google.pt/books?id=zaNKFDuCmC0C&printsec=frontcover&dq=First+language+attrition:+interdisciplinary+perspectives+on+methodological&hl=it&sa=X&ei=ji54T4C_MIaK8gPLw4y9DQ&redir_esc=y#v=onepage&q=First%20language%20attrition%3A%20interdisciplinary%20perspectives%20on%20methodological&f=false, acedido em 22/10/2011.

Krashen, S. D. 1981. *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. University of Southern California. Disponível na web em http://www.sdkrashen.com/SL_Acquisition_and_Learning/index.html, acedido em 15/3/2012.

Krashen, S. D. 1989. *Language Acquisition and Language Education: Extensions and Applications*. New York: Prentice Hall International.

Lambert R. D.; Freed, B. 1982. *The Loss of Language Skills*. Rowley, MA: Newbury House.

Lenneberg, E. H. 1967. *Fundamentos biológicos del lenguaje*. Alianza Editorial, Madrid.

Levelt, W. J. M. 1989. *Speaking: From Intention to Articulation*. Cambridge: Cambridge University Press.

Macnamara, J. 1969. How can one measure the extent of a person's bilingual proficiency? In: L. G. Kelly (Ed.). *Description and measurement of bilingualism*. 80-119. Toronto: University of Toronto Press. Referido por Paradis (2004: 2).

Marcuschi, L. A. 2001. *Da fala para a escrita – atividades de retextualização*. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora.

Matras, Y. 2009. *Language contact*. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press.

McLaughlin, B. 1992. Myths and Misconceptions about second language learning: what every teacher needs to Unlearn. *Educational Practice Report*. 5: 1-12. University of California, Santa Cruz. Disponível na web em: <http://www.usc.edu/dept/education/CMMR/FullText/McLaughlinMyths.pdf>, acessado em 3/3/2011.

Mozzillo, I. 2009. O Code-Switching: Fenômeno Inerente Ao Falante Bilíngue. *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*. 19: 185-200. Disponível na web em: <http://pt.scribd.com/doc/36440694/Code-switching-Mozzillo-2009-PFOL-13-08>, acessado em 22/03/2012.

Müller-Lancé, J. 2003. A strategy of multilingual learning. In: J. Cenoz, B. Hufeisen, U. Jessner (Eds.). *The multilingual lexicon*. 117-132. Kluwer Academic, Dordrecht.

Odisho, E. Y. 2007. A multisensory, multicognitive approach to teaching pronunciation. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. 2(1): 3-28. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Odlin, T. 1989. *Language Transfer: Cross-Linguistic Influence in Language Learning*. Cambridge University Press.

Olshtain, E. Barzilay, M. 1991. Lexical retrieval difficulties in adult language attrition. In: H. Seliger, R. Vago (Eds.). *First Language Attrition*. 139-150. Cambridge: Cambridge University Press.

Paradis, M. 1985. On the representation of languages in the brain. *Language Sciences*. 7: 1-39. McGill University, USA.

Paradis, M. 2004. *A neurolinguistic theory of bilingualism*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Paradis, M. 2007. Why single-word experiments do not address language representation. In: J. Arabski (Ed.). *Challenging tasks for psycholinguistics in the new century*. 22-31. University of Silesia, Katowice: Oficyna Wydawnicza.

Pavlenko, A. 2004. L2 influence and L1 attrition in adult bilingualism. In: M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer, L. Weilemar (Eds.). *First language attrition: interdisciplinary perspectives on methodological issues*. 47-59. Amsterdam: John Benjamins. Disponível na web em:

http://books.google.pt/books?id=zaNKFDuCmCOC&printsec=frontcover&dq=First+language+attrition:+interdisciplinary+perspectives+on+methodological&hl=it&sa=X&ei=j i54T4C_MIAK8gPLw4y9DQ&redir_esc=y#v=onepage&q=First%20language%20attriti

on%3A%20interdisciplinary%20perspectives%20on%20methodological&f=false, acessido em 22/10/2011.

Pinto, M. da G. L. C. 2010. A linguagem ao longo da vida. Que implicações de que gramática em que momento? In: A. M. Brito (Org.). *Gramática: História, teorias, aplicações*. 65-98. Porto: Fundação Universidade do Porto – Faculdade de Letras.

Pinto, M. da G. L. C. (no prelo). Bilinguismo e cognição. Até que ponto tarefas de repetição podem explicar a existência de uma língua dominante num bilingue?, conferência de encerramento proferida no dia 18 de outubro de 2012 no *Encontro Português Língua Não Materna: investigação e ensino (National Conference EUCIM-TE)*, organizado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho e Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

Raingeard, M.; Lorscheider, U. 1977. Édition d'un corpus de français parlé. *Recherches sur le français parlé*. 1: 14-29. Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe. Université de Provence.

Schmid, M. 2002. Language contact, language change and language attrition. *First language attrition, use and maintenance: the case of German Jews in anglophone countries*. Amsterdam: John Benjamins, 7-11. Disponível na web em http://books.google.pt/books?id=l8YrEZETmZcC&printsec=frontcover&dq=1st+language+attrition+%E2%80%93+use+and+maintenance&hl=it&sa=X&ei=mSp4T5u3K5P38QOQ0uTfDQ&redir_esc=y#v=onepage&q=1st%20language%20attrition%20%E2%80%93%20use%20and%20maintenance&f=false, acessido em 22/10/2011.

Schmid, M. 2010. Languages at play: The relevance of L1 attrition to the study of bilingualism. *Bilingualism: Language and Cognition*. 13(1): 1–7. Disponível na web em <http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=6863720>, acessido em 15/09/2011.

Schmid, M. 2011. *Language Attrition*. Cambridge: Cambridge University Press.

Schmid, M.; de Bot, K. 2004. Language Attrition. In: A. Davies, C. Elder (Eds.). *The Handbook of Applied Linguistics*. 210-234. Oxford: Blackwell Publishing. Disponível na web em http://books.google.pt/books?id=_S4NFzRQHlQC&pg=PA210&dq=the+handbook+of+applied+linguistics+schmid&hl=it&sa=X&ei=M158T6P1Ksar8QOK1v2iDQ&ved=0CCsQ6AEwAA#v=onepage&q=the%20handbook%20of%20applied%20linguistics%20schmid&f=false, acedido em 16/03/12.

Schmid, M.; Köpcke, B. 2009. Attrition and the Mental Lexicon. In: A. Pavlenko (Ed.). *The Bilingual Mental Lexicon. Interdisciplinary Approaches*. 209-238. Bristol, Buffalo, Toronto: Multilingual Matters. Disponível na web em <http://www.scribd.com/doc/29235052/The-Bilingual-Mental-Lexicon>, acedido em 14/12/2011.

Schmidt, R. 1990. The role of consciousness in second language learning. *Applied Linguistics*. 11: 129-58. Disponível na web em <http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCoQFjAA&url=http%3A%2F%2Fccsenet.org%2Fjournal%2Findex.php%2Fijel%2Farticle%2Fdownload%2F8610%2F7036&ei=6s-KT7XdKsnO0QWU3PG-CQ&usg=AFQjCNE6G8F8fEuaaAuZQxT0yzcwCu010w&sig2=08RARQYDSXNSUs0ikiRdaQ>, acedido em 15/04/2012.

Seliger, H. W. 1977. Does practice make perfect?: A study of interaction patterns and L2 competence. *Language Learning*. 27(2): 263-278.

Seliger, H. W. 1991. Language attrition, reduced redundancy, and creativity. In: H. W. Seliger, R. M. Vago (Eds.). *First language attrition*. 227-240. Cambridge: Cambridge University Press.

Seliger, H. W.; Vago, R. M. 1991. The study of first language attrition: an overview. In: H.W. Seliger, R. M. Vago (Eds.). *First language attrition*. 3-15. Cambridge: Cambridge University Press.

Sharwood-Smith, M. A. 1989. Crosslinguistic influence in language loss. In: K. Hyldenstam, L. K. Obler (Eds.). *Bilingualism across the lifespan*. 185-201. Cambridge: Cambridge University Press. Disponível na web em http://books.google.pt/books?id=4PRulbM0wWEC&pg=PA8&dq=Sharwood-Smith+1989+Cross-Linguistic+Influence+Hypothesis+bilingual+across+the+life+span&hl=it&sa=X&ei=5VJ8T4mRKuWm0AWc19TVDQ&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false, acedido em 19/03/2012.

Sharwood-Smith, M. A.; Van Buren, P. 1991. First language attrition and the parameter setting model. In: H. W. Seliger, R. M. Vago (Eds.). *First language attrition*. 17-30. Cambridge: Cambridge University Press.

Silva-Corvalán, C. 1994. *Language Contact and Change. Spanish in Los Angeles*. Oxford: Clarendon Press. Disponível na web em <http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=97627523>, acedido em 10/04/2012.

Thiery, C. 1976. Le bilinguisme vrai. *Etudes de linguistique appliquées*.24: 52-63. Referido por Paradis (2004: 2).

Van Els, T. 1986. An Overview of European Research on Language Attrition. In: B. Weltens, K. De Bot, T. Van Els (Eds.). *Language Attrition in Progress*. 3-18. Dordrecht/Providence: Foris. Disponível na web em

http://books.google.it/books?id=QcERlltIbC4C&pg=PA5&dq=Van+Els+%281986+death&hl=it&sa=X&ei=79KKT4WODYWChQfPo_TmCQ&ved=0CD4Q6AEwAg#v=onepage&q=Van%20Els%20%281986%20death&f=false, acedido em 24/03/2012.

Weinreich, U. 1953. *Languages in contact*. La Haya, Mouton. *Lenguas en contacto*. Caracas, Universidad Central de Venezuela. 1974. Tradução de Francisco Rivera.

Yin, R. 1994. *Case Study Research: Design and Methods* (2ª Ed). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

DICIONÁRIOS CONSULTADOS

<http://oxforddictionaries.com>

<http://www.dizionario-italiano.it>

<http://dizionari.corriere.it>

http://dizionari.hoepli.it/Dizionario_Italiano.aspx?idD=1

<http://www.priberam.pt/dlpo>

<http://www.infopedia.pt>